



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES HUMANIDADES E LETRAS  
COLEGIADO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JULIET CERQUEIRA SARAIVA LUFT

***WHITNEY, MEU AMOR* : AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO, MASCULINO E AS  
OPINIÕES DAS LEITORAS DA OBRA DE JUDITH MCNAUGHT**

CACHOEIRA– BAHIA  
2019

JULIET CERQUEIRA SARAIVA LUFT

***WHITNEY, MEU AMOR* : AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO, MASCULINO E AS  
OPINIÕES DAS LEITORAS DA OBRA DE JUDITH MCNAUGHT**

Monografia apresentada como requisito à conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Arte, Humanidades e Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Salete Nery

CACHOEIRA– BAHIA  
2019

JULIET CERQUEIRA SARAIVA LUFT

**WHITNEY, MEU AMOR : AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO, MASCULINO E  
AS OPINIÕES DAS LEITORAS DA OBRA DE JUDITH MCNAUGHT**

Este trabalho será entregue ao Componente de Trabalho de Conclusão de Curso para o Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Artes, Humanidades e Letras.

APROVADO EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Maria Salete de Souza Nery

Bacharelado em Ciências Sociais / UFRB

---

Sílvio César Oliveira Benevides

Bacharelado em Ciências Sociais / UFRB

---

Henrique Sena dos Santos

Licenciatura em História / UFRB

Dedico esta pesquisa a minha filha Maria Eduarda Saraiva Luft. A você filha, que me faz ser melhor a cada dia, obrigada! Sua existência é minha maior alegria. Te amo mil milhões!

## AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido até aqui não foi fácil, ou tranquilo, mas se perguntada se mudaria algo, enfatizaria um não, afinal escrevendo essas palavras sou o produto de todas as experiências destes semestres e tenho certeza plena que concluo o curso melhor do que entrei. Agradeço à minha mãe pelo dom da vida e por toda a sua luta em nos educar e mostrar os caminhos da retidão. As minhas irmãs: Patrícia e Liliam- simplesmente por existirem, a minhas tias- que se for citar nomes preencheri várias laudas- e em especial a “Luzia” por ter vindo me ver no Cahl inúmeras vezes ,por sua paciência infinita em me escutar quando pensei que surtaria de tantas coisas a fazer, e principalmente por se mostrar mais lúcida e consciente que muita gente.Você é meu orgulho!Gratidão! Preciso falar de meu cunhado Diego, irmão que a vida me deu, e que sempre em meus monólogos acadêmicos ouviu, entendeu e apoiou. Dinda Rafinha, obrigada por escrever, ou tentar escrever meu TCC, você é uma capivara muito amada.

Agradeço ao meu marido Ronaldo Luft por seu apoio, que em momentos pontuais fez a toda a diferença.Te Amo amor! A minha filha Mariquinha Eduarda por ser meu combustível, minha motivação quando tudo parecia líquido e inconstante. Nos momentos difíceis, tu minha pequena, era meu porto seguro, minha razão para continuar.

Meu sincero agradecimento ao Prof Carlos, meu chefe e amigo, por ter acreditado em mim e jamais ter se envolvido em minha autonomia docente, o senhor é Dez, que Jeová o abençoe! A Mayara e Aislan – companheiros de boas risadas, por sempre estarem por perto. Aos professores e colegas que me ajudaram nesta jornada : Godinho, Dyane, Ângela, Maurício, Sergio, Osmundo, Juciara, Silvio, Nelson,Wilson , Lys – minha queridíssima, aquela que me fez entender estatística- um feito!- Henrique, Marcos B, Eduardinho, Luis Paulo, Kelly, Hebert, vocês marcaram minha trajetória, e despertaram um misto de sentimentos. Minha eterna gratidão.

A minha turma 2015.1, meus colegas de jornada, amigos do coração, sem os quais a caminhada seria infinitamente mais difícil e dolorosa, em especial à Thais – minha companheira de armas, amiga e confidente, meu ponto de equilíbrio no meio do “ Caos”; Rute- minha índia-; Carlene – não posso falar o apelido dela- você pode me agradecer depois; Dinha meu amor – você, e seu sorriso iluminaram muitas manhãs-;Ton Messias – outro que não posso falar por razões óbvias seu apelido- suas palavras confortaram e trouxeram um animo a mais amigo, obrigado!; Danilo- companheiro escritor; Anastácia Flora – com um

nome desse, merece ser citado na íntegra; Edna – em memória e no coração; Henrique – meu amigo querido; Danrlei – o piva que quando fala, eu só consigo sorrir de orgulho; e aos outros um forte abraço, e um muito obrigada, não esquecerei vocês! A turma de Ciso 2016.1 da qual tive o prazer de ser monitora com o Prof Godinho em Projeto de Pesquisa, agradeço a todos vocês pela experiência enriquecedora e maravilhosa, não esquecerei da contribuição de cada um para a minha pesquisa. Prof Godinho guardei cada conselho e ideia com muito carinho, obrigada pela confiança.

Aos amigos que fiz de outros cursos, em especial em meu Curso de Alma – História, não poderei citar nomes pois posso incorrer em esquecer alguém, e isso seria indelicado. Vocês fizeram a diferença em minha jornada, obrigada. A Alice Bárbara Rodrigues, minha parecerista, por ter elucidado questões importantes na minha pesquisa, que até o momento eu nem havia pensado.

Agradeço a minhas queridas curtidoras da Paixão por Letras por participarem dos debates e manifestarem em mim o desejo de pesquisar gênero na literatura, em especial : a Luci – minha capivara canadense- você despertou a pesquisa amiga!; Talita - minha Viscondessa Bridgerton- por sempre me apoiar e acreditar no meu potencial; a minha querida advogada Silvia Lima – que mesmo à distância me ouviu e ajudou em vários momentos, às Ladies : Westcliff – Lisa, Flávia, Dany, Simone, Grace, Susan e Leila por todo o apoio emocional e incentivo. Vocês são dez! Gratidão à minha grande amiga – um verdadeiro achado- Luana Pereira, por todos os momentos em que me abraçou física e metaforicamente dizendo que tudo ia dar certo, por toda a ajuda com a pesquisa e a página. Meu muito obrigada a Vitória Mendes, minha psicóloga preferida, que se tornou uma amiga inestimável - com áudios em horários inconvenientes, maratonas de séries, discussões sociológicas, finais de semana de estudos e indicações de livros. Te amo Capivara!

Um agradecimento especial aos nobres colegas : Germano Barbosa - História, a Duda Oliveira - CiSo, Noelia Neves – CiSo, e Emanuel Barreto – História por terem me ajudado em um momento delicado no Cahl, e me transmitirem a força que eu precisava no momento. Por isso, sempre repito: mais vale ter amigos na praça, que dinheiro na caixa”. Sou Ryyyyyyca! - com voz do ventríloco do Girafa’s- tenho amigxs!

Uma “ode” a ela seria pouco, meus sinceros e infinitos agradecimentos à minha orientadora e amiga Dra Salete Nery : a você -Saletinha, meu amor- eu só posso agradecer lhe presenteando até o fim dos dias com muitos chocolates por sua paciência infinita e conselhos valiosos. Você é uma profissional ímpar, lhe admirava antes pela sua inteligência e capacidade, pois hoje, lhe admiro infinitamente mais, por sua empatia, retidão, firmeza e

principalmente por ter acreditado em mim quando nem eu acreditava. Te amo de verdade, obrigada por partilhar seus minutos, horas e finais de semana comigo.

“Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades” já dizia Stan Lee, e munida destas palavras internalizo minha responsabilidade de utilizar de meu “poder”- conhecimento- recém adquirido para fomentar debates e questionamentos sobre a relação da literatura e a sociologia, além de lembrar constantemente a mim mesma que o conhecimento não é um fim em si mesmo, logo quanto mais multiplicá-lo e dividi-lo, mais ele crescerá. Comprometo-me em buscar sempre o aperfeiçoamento, e jamais esquecer que ontem eu era estudante. Finalizo agradecendo a mim mesma, por nunca desistir, por mais que fosse extremamente tentadora essa ideia. Juliet – Lady Rohan Bewcastle- você é capaz! Obrigada por tudo!

## RESUMO

O presente trabalho pretende discutir a representação de feminino e masculino no romance de época *Whitney, meu amor*- publicações de 1999, 2014 e 2018- da autora Judith McNaught, bem como a recepção da obra por parte das leitoras pesquisadas. Para a análise aqui proposta utilizamos conceitos para a base teórica sobre feminilidade de Maria Rita Kehl, Heleieth Saffioti, E. Badinter, Pierre Bourdieu dentre outros, e para discutir a masculinidade tomamos como principais teóricos a socióloga Raewyn Connell e sua definição de masculinidades hegemônica, e subalternas, H Saffioti, Maria Beatriz Nader, Joan Scott, M. Kimmel, Sócrates Nolasco, Bourdieu, M. Almeida e Pedro P. Oliveira, dentre outros. Utilizando de Norbert Elias e sua *configuração*, analisamos às relações entre os personagens femininos e masculinos da obra, propondo uma análise figuracional. Diante da discussão da representação do masculino e feminino da obra partimos para analisar as opiniões das leitoras utilizando principalmente a *Estética da Recepção* de Iser, dialogando com Roger Chartier e sua *História Cultural*. A partir do protagonismo das leitoras na recepção da obra, propomos uma crítica feminista, desconstruindo a imagem do “leitor”, fazendo emergir a “leitora” no feminino, para isto utilizamos Elaine Showalter, Brizotto, Bellin, e outros autores.

**Palavras-chave:** Feminilidade, Masculinidade, Representações, Gênero.

## ABSTRACT

The present work intends to discuss a female and male representation in the Whitney period novel, *My Love* publications of 1999, 2014 and 2018 by author Judith McNaught, as well as the reception of the work by the researched readers. For an analysis proposed here, we use concepts for the theoretical basis on femininity by Maria Rita Kehl, Heleieth Saffioti, E. Badinter, Pierre Bourdieu among others, and to discuss masculinity as the leading theorists of Raewyn Connell society and its male personality hegemonic, and subordinate, H. Saffioti, Maria Beatriz Nader, Joan Scott, M. Kimmel, Sócrates Nolasco, Bourdieu, M. Almeida and Pedro P. Oliveira, among others. Using Norbert Elias and his configuration, we analyze the relationships between the female and male characters of the work, proposing a figurative analysis. Before discussing the masculine and feminine representation of the work, we set out to analyze how readers' opinions mainly use Iser's Reception Aesthetics, in dialogue with Roger Chartier and his Cultural History. From the protagonism of the readers in the reception of the work, propose a feminine criticism, deconstruct an image of the "reader" and make a "reader" emerge in the feminine, for this she Elaine Showalter, Brizotto, Bellin and other authors.

Keywords: Femininity, Masculinity, Representations, Gender.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Livro <i>Whitney, meu amor</i> .....	17
Figura 2 – Post.....	20
Figura 3 – Comentário no Post 1.....	43
Figura 4 – Comentário no Post 2.....	47
Figura 5 – Depoimento de Leitora.....	51
Figura 6 – Post Clayton Amado ou Odiado.....	52
Figura 7 – Comentário no Post 3.....	53
Figura 8 – Comentário no Post 4.....	54

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	<b>Erro!</b>
<b>Indicador não definido.11</b>	
2. DE QUE LIVRO ESTAMOS FALANDO .....	<b>Erro! Indicador não definido.16</b>
2.1 Clayton Westmoreland E Whitney Stone: Um Casal Pouco Ortodoxo.....	20
2.2 A Autora .....	22
2.3 Uma Análise Figuracional Dos Personagens.....	27
3. MASCULINIDADE “S”, DE QUEM SE FALA?.....	30
3.1 “Tipo Ideal” De Masculinidade.....	33
3.2 Masculino E Feminino – Castração De Ambos .....	36
3.3 Cenas “Polêmicas” Editadas Em Whitney, Meu Amor.....	40
4. PERFIL DAS LEITORAS PESQUISADAS .....	48
4.1 Análise Sobre A Óbra – Formulário E Posts .....	49
4.2 Como Se Constrói Uma Leitora? Crítica Feminista Sobre A Obra .....	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
6. REFERÊNCIAS.....	63
7. APÊNDICE A.....	66
8. APÊNDICE B.....	69/70

## INTRODUÇÃO

O objeto sob análise refere-se a um estudo sobre as leitoras do romance de época *Whitney, meu amor* (1999- 2014-2018), da autora Judith McNaught, que participam da página Paixão por Letras no Facebook, bem como da obra em si e das representações de masculinidade e feminilidade nela contidas. O objetivo é compreender o ideal de masculinidade, segundo as mencionadas leitoras, e o que torna a conduta do personagem masculino principal aceitável e/ou louvável. Para estudar este fenômeno abordam-se as reações das mesmas acerca das atitudes de Clayton Westmoreland, o Duque de Claymore, no transcorrer do livro.

O presente trabalho tem como objetivo analisar o romance histórico *Whitney, meu amor*, de Judith McNaught, publicado pela primeira vez em 1985 nos Estados Unidos, e pela primeira vez no Brasil em 1999. Investigo em que medida a leitura do romance é capaz de evidenciar, em alguma medida, a noção de masculinidade, ou as noções de masculinidade, dessas jovens leitoras, sendo um ponto chave para este estudo a análise das opiniões das leitoras acerca das posturas de ambos os personagens principais, masculino e feminino, da obra. Entendo ainda que as obras literárias não apenas expressam compreensões de mundo; ajudam a construí-la. Assim sendo, tentar compreender a relação de leitoras/es com obras se coloca como tema relevante. Tomam-se como corpus empírico, neste trabalho monográfico, as publicações -posts<sup>1</sup>- da Página Paixão por Letras no Facebook, as respostas de um questionário aplicado com as leitoras, e, a partir destas, buscamos identificar como as leitoras passam a aceitar determinados comportamentos, e até naturalizar algumas atitudes do Duque de Claymore. Buscou-se identificar de que modo as atitudes das personagens são lidas pelas leitoras e se há alguma idealização de masculino, valorização das atitudes do “mocinho”, e, principalmente, uma complacência por parte delas com os comportamentos do Duque.

Delimitar o que é o modelo de masculinidade usado pela autora no romance de Whitney se faz necessário, pois desta forma identifica-se como as construções sociais que são definidas e redefinidas operam também nas leitoras, fazendo-as defender de maneira ardorosa o personagem Clayton, a partir desta construção. Desta forma, sendo de crucial importância a observação do discurso delas nos posts da página já citada.

---

<sup>1</sup> Nome dados aos conteúdos que são colocados em páginas, contas do Instagram e blogs em redes sociais.

A inquietação sobre este título em específico da autora surge a partir dos debates entre as leitoras nos blogs, páginas e Ig's<sup>2</sup> sobre os personagens, a forma de escrita e os diversos elogios tecidos sobre McNaught. Desafiada por amigas leitoras vorazes a conhecer o suprasumo dos romances ambientados no século XIX, acabei por sucumbir a esta autora e suas obras. Com vasta experiência no ramo literário desde a década de 80, Judith figura entre as mais lidas deste seguimento há anos, faz parte da lista de autoras best-seler do the New York Times, teve seus livros vendidos em 8 países, com mais de 40 milhões de cópias, traduzidos em trinta línguas<sup>3</sup>. A necessidade de conhecer as principais autoras internacionais de romance para criar conteúdo interessantes e instigantes para a minha página no Facebook fez com adentrasse mais profundamente nas suas obras publicadas aqui no Brasil.

Vivemos em tempos de disseminação de informações com velocidade e de forma simultânea, e sendo assim estamos conectados com o mundo inteiro. Desta forma, munidos de um computador e/ou smartphone com internet estamos conectados vinte e quatro horas com pessoas de diversos pontos do país. A vontade de compartilhar leituras surge do uso constante da internet e das redes sociais. Sempre gostei muito de ler, porém não tinha com quem compartilhar as opiniões sobre o havia sido lido, e assim surge a Paixão por Letras, uma página do Facebook com conteúdo literários e “ladies”<sup>4</sup> que usam codinomes para as publicações. Na Paixão por Letras sou a administradora, a Lady Rohan Bewcastle<sup>5</sup>. A página é meu campo de pesquisa e local de comentar sobre livros lidos, publicar resenhas, veicular memes e tudo relacionado ao universo literário. As “curtidoras” interagem com as publicações e os conteúdos que veiculamos todos os dias, explicitando suas opiniões e insatisfações sobre autores, obras, editoras e séries.

A análise sociológica deste livro é relevante por pretender discutir sobre temas importantes como a construção da masculinidade, a forma como a autora utiliza desta representação social para criar seu personagem principal, por discutir também as características que são atribuídas a mocinhas e ainda a relação entre os personagens e o cenário em que estão inseridos.

---

<sup>2</sup> Termo utilizado para designar as contas do Instagram

<sup>3</sup> Fonte: GOOD READS em: [https://www.goodreads.com/author/show/9885.Judith\\_McNaught](https://www.goodreads.com/author/show/9885.Judith_McNaught)

<sup>4</sup> Referência as mulheres “bem-nascidas” da sociedade aristocrática, devido ao amor por romances de época as colaboradoras teriam codinomes de Ladies.

<sup>5</sup> Lady Rohan Bewcastle é o meu codinome na Paixão por Letras, e é também uma prova de quê ainda que seja cientista social não estou imune as estruturas. Quando escolhi o codinome, decidi por ter o sobrenome de dois personagens homens, mesmo tendo admiração por diversas personagens mulheres dos romances de época.

Pretendendo dar conta de investigar por que as mulheres leitoras deste século apoiam as atitudes e até criam argumentos para defender a postura adotada pelo personagem principal da obra, quais fatores corroboram para que se levantem em defesa de Clayton. Desta forma pretende-se entender como são construídos esses argumentos, ou mais concretamente se torna permitido ao personagem ter posturas consideradas machistas e violentas, que na realidade de cada leitora poderia gerar conflitos fervorosos.

Logo se despertou o interesse de investigar como as mulheres do século XXI são seduzidas por esse tipo de literatura, e consomem as mais diversas autoras desse gênero, sendo-lhes fiel. Busco entender através da análise sociológica como o acesso a este conteúdo influencia na construção da masculinidade em oposição à feminilidade, e como o ideal de masculinidade retroalimentado por Clayton Westmoreland é percebido por estas leitoras.

Como cientista social, essa pesquisa é pertinente, pois quero investigar como as representações e construções sociais influenciam na visão de mundo dos agentes sociais e operam sobre suas diferentes práticas, definindo o que é ou não aceitável diante da masculinidade e suas influências, sustentando os modelos já estabelecidos e massificados.

A análise do romance de época possibilita a discussão de como o modelo de masculinidade é construído em antagonismo com a feminilidade. Ainda que a sociedade esteja em transição e mudanças, os estereótipos do que é esperado dos homens, ou do que lhes é permitido em certa medida parecem os mesmos. Discutiremos a rede de relações entre os personagens utilizando o modelo elisiano de análise, tentando dar conta de entender como estas relações podem afetar diretamente a visão de mundo dos leitores, a despeito das intenções da autora da obra.

Traçar o perfil das leitoras deste romance de época nos possibilita reconhecer quem são essas leitoras e quais são os seus capitais<sup>6</sup> (Bourdieu, 2002). Identificar quais são as leitoras que o defendem, e quais o detestam por sua postura, pode nos ajudar a compreender seus posicionamentos.

---

<sup>6</sup> **Capitais:** ampliando a concepção marxista, Bourdieu entende por esse termo não apenas o acúmulo de bens e riquezas econômicas, mas todo recurso ou poder que se manifesta em uma atividade social. Assim, além do capital econômico (renda, salários, imóveis), é decisivo para o sociólogo a compreensão de capital cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos), capital social (relações sociais que podem ser convertidas em recursos de dominação). Em resumo, refere-se a um capital simbólico (aquilo que chamamos prestígio ou honra e que permite identificar os agentes no espaço social). Ou seja, desigualdades sociais não decorreriam somente de desigualdades econômicas, mas também dos entraves causados, por exemplo, pelo déficit de capital cultural no acesso a bens simbólicos.

Acessado em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pequeno-glossario-da-teoria-de-bourdieu/>

A pesquisa se faz pertinente por tentar dar conta de como se relacionam os vários papéis que desempenhamos na sociedade, e a conexão com as representações que já estão construídas e absorvidas por nós, além de relacionar esses papéis com as diversas identidades que desempenhamos nos âmbitos sociais. Além de propiciar a discussão sobre como a literatura é também construtora de visões de mundo, e podem fazer surgir questionamentos sobre as condutas e posicionamentos diante das situações cotidianas.

Em justa oposição às leitoras que defendem Clayton e suas posturas, buscam-se aquelas que o execram, pois analisando-as, a pesquisa mostrará que as construções sociais podem influenciar sim, mas podem produzir efeitos discordantes. Uma vez que a sociedade está em constante mudança no decorrer da história, as suas “normas e regras” sofrem as mudanças destes.

O grande questionamento aqui repousa em definir por que algumas mulheres que leem o romance de Judith McNaught tendem a defender o personagem Clayton Westmoreland e crucificar a mocinha? Uma vez que as leitoras são mulheres, é importantíssimo identificar o motivo pelo qual elas tendem a condenar a Whitney e defender as atitudes do Duque de Claymore.

No primeiro capítulo, apresentamos o enredo da obra analisada, informação que é de suma importância para conhecer um pouco mais do que se trata o livro. Traçamos ainda uma relação entre os outros livros da autora, dando enfoque ao título *Agora e Sempre*, que acaba de ser relançado pela Editora Bertrand Brasil. Na sequência do capítulo, apresentamos a autora Judith McNaught, sua formação, sua área de atuação para além dos livros e principalmente o contexto histórico ao qual está inserida, sendo este relevante para o estudo, pois a partir dele podemos identificar em que cenário social e de lutas ela desenvolveu a obra. Ao final deste primeiro capítulo trazemos uma análise figuracional (Elias, 1993) da obra, dos personagens e da trama como uma teia de relações. Utilizando o modelo de Elias, buscamos fazer um apanhado de como se dá a relação entre os personagens e o contexto que estes estão inseridos, analisando de que forma suas atitudes e o que se espera de suas posturas corroboram para a formação das redes de relações.

No segundo capítulo apresentamos uma discussão sobre a masculinidade, usando das teorias principalmente de CONNELL sobre os projetos das masculinidades, discutiremos como estes projetos podem dar conta de analisar os personagens masculinos do enredo do livro. A partir da discussão sobre masculinidades hegemônica e subordinadas de Connell, discutiremos como essas configurações são reificadas pelos sujeitos, e como esses projetos se adaptam historicamente. Neste capítulo criamos o “*nobre perfeito*”, o tipo puro de

masculinidade do início do século XIX para ser contrastado com os personagens que estão descritos em *Whitney, meu amor*, tentando dar conta de entender como estes performam diante das situações descritas na obra. MCNAUGHT traz vários homens na trama e cada um tem um papel específico no enredo, aquele, por exemplo, que se esperava ser o mocinho, com o qual as leitoras poderiam se identificar, se torna um homem fraco e volátil, perdendo as características que se espera de um homem. Com o título de “Masculino e Feminino – Castração de ambos”, trazemos à roda a discussão sobre como os estereótipos e as ideologias de gênero podem castrar a ambos. Buscamos, pois, discutir a importância de repensar as práticas dos papéis sociais para diminuir e minimizar o sofrimento de homens e mulheres. As ideologias agem nos corpos castrando-os, moldando-os, e regulando-os para manter um poder controlador e exclusivo. E por fim, discutimos os capítulos que foram retirados e editados das três versões de *Whitney*: 1999-Best Seller, 2014 – Best Bolso, e 2018 – Bertrand Brasil, a fim de discuti-los diante dos posicionamentos das leitoras e suas opiniões sobre o que acontece com os protagonistas.

No terceiro e último capítulo, trazemos à discussão a visão de 23 leitoras de todo o Brasil que responderam ao questionário sobre a sua leitura do livro em suas várias versões. Com questões objetivas e abertas, com o formulário, buscamos identificar a relação destas com o livro, sua interpretação e questões relevantes para serem analisadas em seus discursos. Primeiramente traçaremos o perfil delas, identificando seus locais de origem, idade, estado civil, grau de escolaridade, a partir daí identificamos seus gastos médios com livros, número médio de leituras por ano, e grau de envolvimento com o mundo literário. Abordamos a leitura do texto literário através das contribuições de Iser e a *estética da recepção*, e Chartier com a *História Cultural*, para dialogar com postura das leitoras e suas opiniões sobre o livro pesquisado.

Um importante questionamento surge e é discutido neste capítulo, quando através de Brizotto percebemos a importância da crítica feminista dos textos literários, e partindo desta discussão para a relevância de identificarmos como estas leitoras lêem o livro e se posicionam diante dos acontecimentos desenrolados na trama de Mcnaught, relacionando o modo de leitura com as construções sociais das quais inadvertidamente fazem parte.

## 1. DE QUAL LIVRO ESTAMOS FALANDO

*Whitney, meu amor* é a obra da autora Judith McNaught lançada inicialmente em 1985 nos Estados Unidos, sendo este o primeiro livro lançado pela autora, e que iniciou sua carreira no mundo literário. Este livro foi publicado três vezes no Brasil, uma pela Editora Best Seller em 1999- versão sem cortes e/ou edições-, 2014 pela Editora BestBolso – já com a edição e cenas estendidas-, e a última pela Editora Bertrand Brasil no ano de 2018.



Figura 1: Livro *Whitney, meu amor*  
Fonte: Every Little Book

A sinopse divulgada no site oficial da editora Bertrand Brasil traz a descrição do livro da seguinte forma: “A encantadora e impetuosa Whitney não tem medo de dizer o que pensa. Por conta de seu comportamento pouco apropriado para uma moça da sociedade inglesa do século XIX, ela é forçada, pelo pai frio e severo, a mudar-se para a casa dos tios em Paris, onde recebe aulas para se tornar uma dama. Sob o cuidado dos amorosos e dedicados tios, ela desabrocha em uma mulher sofisticada e bela, tornando-se a sensação da esfuziante sociedade parisiense. Quando retorna à Inglaterra, está mudada, mas ainda deseja conquistar o belo Paul, seu primeiro amor. Mas há alguém que parece disposto a destruir sua felicidade: trata-se de

Clayton Westmoreland, um poderoso duque, que está decidido a ter Whitney a qualquer preço.” (MCNAUGHT, 2018).

A história é dividida em três partes, tendo como cenário a Inglaterra em 1816, a França entre 1816-1820, e de volta à Inglaterra a partir de 1820. Whitney Stone, a mocinha da obra, é considerada pelo pai e vizinhos como uma menina voluntariosa e leviana, e, como última tentativa de poli-la, o pai dela decide enviá-la à França com seus tios, Anne e Edward Gilbert. Whitney é apaixonada por seu vizinho e amigo de infância Paul Sevarin, porém, por sua diferença de idade e comportamento, Paul não corresponde a seus sentimentos. A mocinha toma várias medidas para conquistar Paul e forçá-lo a pedi-la em casamento, como por exemplo, persegui-lo vestida com calças que pegou de um dos cavaleiros, amarrada com uma corda, e corpete. Nas palavras de Martin Stone:

Os modos de Whitney são ultrajantes, sua conduta deixa muito a desejar. Ela é leviana e voluntariosa, para o desespero de todos os que a conhecem e para meu profundo constrangimento. Imploro-lhes que a levem a Paris e espero que tenham o sucesso que eu não tive na tentativa de educar tão teimosa criatura. (MCNAUGHT, 2018, p. 10)

Quando enviada à França com seus tios, Whitney passa pelo aperfeiçoamento, aprendendo todas as regras sociais que deveriam estar já inculcadas em sua mente desde seu nascimento e entrada na sala de aula. Em sua fala, Whitney evidencia que seu comportamento é dissonante das demais damas, e acredita que não há a mínima possibilidade de que ela seja parecida com o modelo de feminilidade ao qual a sociedade aristocrática forjou e designou como aceitável.

A senhora com certeza sabe que todo mundo acha que é perda de tempo dar esse tipo de instrução a uma mulher. E eu não sou nada boa no que se refere a prendas femininas. Não dou um ponto sem que pareça que costurei com os olhos vendados e, quando canto, os cachorros começam a uivar, lá no estábulo. (MCNAUGHT, 2018, p.20)

A todo o momento ela, através de suas atitudes, choca seus vizinhos por justamente não se adequar a este “modelo”, e sente-se frustrada por não conseguir suprir as expectativas da sociedade e de seu próprio pai, ainda que seu objetivo maior seja o coração de Paul e se tornar Lady Sevarin. Em convívio com a sociedade parisiense e tendo aulas diariamente para os mais diversos fins, passou a frequentar bailes, saraus, tornando-se em determinado momento a dama mais requisitada e admirada de toda Paris. Em uma festa encontra o Duque

de Claymore, Clayton Westmoreland, que em um primeiro momento não se apresenta a Whitney por se tratar de uma festa à fantasia, passando a observá-la a distância. Fascinado com a Perséfone, fantasia de Whitney, decide a partir de uma conversa com ela que a terá a qualquer custo.

Então, havia quatro semanas, ficara a sós com Whitney no jardim dos Armand. Pudera observá-la à vontade, lutando contra o desejo insano de sufocar seu riso delicioso com beijos, erguê-la nos braços, levá-la para um canto distante e fazer amor com ela ali mesmo. Whitney era uma tentação, uma feiticeira nata, uma sedutora com sorriso de anjo, tinha o corpo esguio e perfeito de uma deusa, um encanto puro que o fazia sorrir quando pensava nela. Além disso, tinha senso de humor e um jeito irreverente de descobrir o ridículo que existia por trás de certas coisas tidas como sérias. (MCNAUGHT, 2018, p. 67)

Clayton Westmoreland trata de todos os trâmites para descobrir as informações sobre Whitney, e a partir disto viaja a Inglaterra para acertar o contrato de casamento com seu futuro sogro, Martin Stone. Stone, endividado e sem pedidos anteriores ao do Duque, acerta o noivado pelo maior valor. Em seguida Stone envia uma carta aos Gilberts convocando Whitney de volta para a Inglaterra, e sem conhecimento da filha, para os braços do seu futuro marido. Uma enorme soma de dinheiro é enviada junto com a carta para que Whitney compre roupas, acessórios e joias para voltar para casa, uma vez que, a partir da assinatura do contrato se trata da noiva de um duque.

Ainda apaixonada por Paul, Whitney acredita que está pronta para reencontrá-lo e acredita que receberá um pedido de casamento por parte Paul após sua chegada. Porém o que a espera é um vizinho que usa o nome de Lorde Clayton Westland, com um contrato de casamento assinado pelo pai dela e que na verdade se trata do Duque de Claymore. Decidido a conquistá-la antes de apresentar o contrato, Clayton inicia sua corte a Whitney em meio ao cenário da vila onde ela morou desde o nascimento, de seus “amigos” de infância e de seu amor. A seguir um diálogo entre Stone e a tia de Whitney, em que discutem sobre as pretensões da mocinha em se casar com Sevarin, e o pai de Whitney explicita sobre a situação financeira de Paul, e sua inépcia para dar a Whitney uma vida confortável e digna.

-Martin, você é cego? Sua filha está apaixonada por Paul Sevarin. —Paul mal consegue evitar que sua propriedade desmorone. O que poderia oferecer a Whitney? Uma vida de criada? (...) -Besteira! Cobia amim tomar uma decisão, e eu tomei!Deixe-me explicar-lhe uma coisa, senhora. Aassinei um contrato redigido pelos advogados do duque de Claymore, e recebi 100 mil libras. (MCNAUGHT, 2018,p. 136-137)

Sucessivos acontecimentos durante a corte tornam a obra por muitos amada, e por outros odiada, sendo o Duque o ponto principal de tais sentimentos ambivalentes. Whitney, decidida a conquistar Paul, se vê em muitos momentos tentada pela persistência e abordagem Clayton que usa de todas as armas de sedução, força e influência para conseguir minar a resistência de Whitney. Em um ponto do livro, ela percebe que Paul na realidade foi uma projeção, e a realidade sobre ele estava muito aquém de suas expectativas, desta forma desiste e passa a render-se aos encantos de Clayton. A partir da aceitação, surgem outros problemas e ruídos que proporcionam guinadas de proporções épicas na história, culminando na separação trágica entre eles. Após um comentário sobre a virtude de Whitney feita por uma de suas “amigas” quando dá a entender que sua “noiva” não era mais virgem, Clayton leva Whitney para a residência ancestral do ducado e tem relações sexuais com ela. Para os membros da sociedade da época, a virtude deveria ser preservada para o marido, sendo esta a prova da sua pureza e da posse de seu futuro marido. Na descrição abaixo a autora evidencia a violência com qual Clayton tratou-a, após saber que sua futura esposa já havia dado sua virtude a outro homem.

Clayton, porém, levantou-se antes que ela desse o segundo passo. Pegando a combinação pelo decote, rasgou-a, despindo Whitney completamente. —Vá para a cama. (...) -Não se esconda de mim! -Pegando as cobertas, ele as puxou para baixo, arrancando-as das mãos dela. - Quero ver o artigo pelo qual paguei tão caro. (MCNAUGHT, 2018, p. 306-307).

Descobrindo tardiamente que ela era realmente virgem, que tudo não havia passado de uma intriga, tomado pelo arrependimento, Clayton, revoga o contrato e liberta Whitney do compromisso com ele. Uma sucessão de mais desencontros até o “felizes para sempre” gera ainda mais material para análise sociológica da obra. Assim como na maioria dos romances históricos e de época, em *Whitney, meu amor*, Clayton e Whitney acabam juntos e felizes ao final das adversidades que os acometem durante todo o enredo.

## 1.1 Clayton Westmoreland E Whitney Stone: Um Casal Pouco Ortodoxo

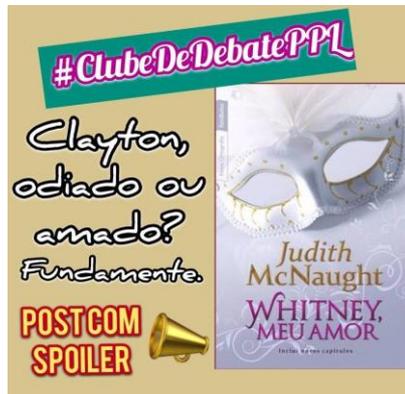


Figura 2: Post  
Fonte: Página Paixão por Letras

O duque de Claymore é apresentado na obra como o exemplo máximo de masculinidade, como mostra um trecho do encontro dele com Whitney:

O estranho era muito alto e tinha um físico esplêndido. Feições firmes, nobres, masculinamente cinzeladas, e os fartos cabelos, alvoroçados pela brisa, com a cor escura do café. Os olhos cinzentos persistiam em sua observação minuciosa. Era muito bonito, Whitney teve de admitir, mas a virilidade agressiva em seu olhar e a aura de autoridade e arrogância que o rodeava não agradaram nem um pouco. (MCNAUGHT, 2018, p. 93)

O Duque de Westmoreland aristocrata com alto título de nobreza abaixo apenas do monarca, mais que acostumado a ter seus desejos prontamente atendidos repetindo os termos da sinopse: “(...) decidido a ter Whitney a qualquer preço”, passa a figurar no livro como o exemplo máximo de homem, aquele que, com um arquear de sobrancelhas, é facilmente entendido, que possui uma aura viril e máscula, ou seja, o homem de verdade. O seu poder simbólico<sup>7</sup> (Bourdieu, 2007, p.11) na sociedade aristocrática lhe confere a supremacia no *Campo*<sup>8</sup>, logo Stone, seus pares, administradores, empregados, e obviamente sua futura

<sup>7</sup> É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”.

<sup>8</sup> “(...) é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. (...) Os campos são formados por agentes, que podem ser indivíduos ou instituições, os quais criam os espaços e os fazem existir pelas relações que aí estabelecem. Um dos princípios dos campos, à medida que determina o que os

esposa devem ceder a sua caprichos. Martin Stone vê no casamento de sua única filha com um duque como a possibilidade de ascensão social, e ainda estabilidade financeira, não se importando em transferir a opressão que sofre por parte do Duque a Whitney.

Manuais de instruções existem, sim, na trama simbólica que constitui a cultura, que nos designa lugares, posições, deveres, traços identificatórios.” feminina” e “identidade masculina” são composições significantes que procuram se manter distintas, nas quais se supõe que se alistem os sujeitos, de forma mais ou menos rígida, dependendo da maior ou da menor rigidez da trama simbólica característica de cada sociedade. (KEHL, 2014, p. 23).

Assim como afirma Kehl o esperado de um Duque no século XIX era que emanasse poder e masculinidade, e a submissão de Whitney também é o esperado tratando-se de uma sociedade patriarcal (SAFFIOTI, 1987). Sua postura seria forjada desde a tenra idade para dominar o ambiente em que estivesse e exalar poder e confiança. O mundo deveria se curvar ao seu levantar de sobrelhas e monóculo. Clayton não deixa de exercer seu poder simbólico diante de seus empregados, seus pares, e todos a sua volta. Sendo assim, a mocinha do romance é sempre colocada em evidência por suas atitudes, deixando explícito o quanto tais comportamentos corroboram para a construção de uma visão de feminilidade. Mas a qual mulher esta escritora se refere? Quais aspectos sócio históricos, e contextuais teriam que ser levados em consideração para não cair no discurso pronto? Whitney, enquanto personagem de um romance histórico ambientado na sociedade inglesa de 1816 é construída a partir da premissa de ser uma mocinha voluntariosa, fútil e contrária às regras sociais. Desta forma seu pai a envia a Paris para ser polida e adquirir o traquejo social que lhe falta.

[...] [a] desvalorização simbólica das mulheres em relação ao divino torna-se uma das metáforas fundantes da civilização ocidental. A outra metáfora fundante é fornecida pela filosofia aristotélica, que assume como um dado que as mulheres são seres humanos incompletos e defeituosos, de uma qualidade inteiramente diversa da dos homens. É com a criação destes dois constructos metafóricos que são construídos nas próprias fundações dos sistemas simbólicos da civilização ocidental, que a subordinação das mulheres passa a ser vista como ‘natural e, conseqüentemente, se torna invisível. É isto que finalmente estabelece o patriarcado de modo firme como uma realidade e como uma ideologia. (SAFFIOTI, 2005, p. 52)

Como afirma Saffioti, as construções sociais acerca do papel dos gêneros estão ligadas ao convívio social, e como as sociedades ocidentais constroem os gêneros em oposição, ao masculino está associada a razão a força, logo as mulheres são “naturalmente” o

---

agentes podem ou não fazer, é a “estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes” (BOURDIEU, 2004, p. 23).

oposto, o sexo frágil, aquela que deve estar sempre subalterna à figura do homem. Esta dissociação é mais nítida quanto ao gênero a partir da sociedade burguesa, pois anteriormente tais divisões estavam mais ligadas à classe. Os sistemas simbólicos são estabelecidos sobre homens e mulheres, de forma que estes estão ligados de maneira naturalizada a seus papéis sociais. À Whitney recai o papel de volátil, infantil, fútil e indecorosa, todos estes carregados de simbolismo, uma vez que tais características são associadas às mulheres em geral (Kehl, 2014). Portanto, assim que adentramos no campo do simbólico das relações sociais, carregamos tais dicotomias e representações, e estas são naturalizadas, aqueles que são considerados desviantes dos modelos aceitos socialmente sofrem penalizações, assim como Whitney.

A forma como Whitney Stone é caracterizada nos primeiros capítulos do livro, e como se comporta depois da sua viagem a Paris, se assemelha com o que Kehl atribui à “natureza feminina”. As mulheres, segundo as construções sócio-históricas hegemônicas, precisavam ser domadas pela sociedade e pela educação para que cumpram o destino ao qual estariam naturalmente designadas: a reprodução. Sendo assim é mais que “natural” Stone enviar sua filha para Paris, e fazê-la aprender sobre como se tornar a mulher cuja representação ideal se espera dela.

A identidade social da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumprido pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. (SAFFIOTI, 1987, p. 08).

Sendo assim, a ambos, tanto Clayton quanto Whitney, possuem papéis precisamente delimitados na sociedade em que estão inseridos. O que analisaremos aqui é a forma como tais papéis são discutidos e recebidos pelas leitoras deste romance na atualidade. Buscamos perceber como as leitoras enxergam a relação de Whitney com a sociedade da época e com Clayton, como as expectativas para ambos são completamente diferentes, a ela espera-se que performe segundo o “ideal de feminilidade” da época, e dele que constantemente prove sua masculinidade e poder.

## **1.2 A Autora**

Judith McNaught é americana do Missouri, com mais de 15 romances publicados, acumula prêmios e elogios de jornais de prestígio, como *New York Times* e o *USA Today*; “*When it comes to writing romance, Judith McNaught is in a class by herself.*” - Traduzindo: “Quando se trata de escrever romance, Judith McNaught está em uma aula sozinha.”, figurando a lista de autoras Best Seller do *The New York Times*. Antes de iniciar a carreira de escritora, trabalhou com comunicação e finanças -, se tornando a primeira mulher a assumir o cargo de produtora executiva da rádio CBS no estado do Texas.

Atualmente mora em Houston no Texas, e tem suas obras traduzidas em diversos países. Publicou posteriormente a Dinastia Westmoreland da qual *Whitney, meu amor* passou a ser o segundo livro, - o primeiro sendo *Um Reino de Sonhos*, e o terceiro- *Até você Chegar*. Todos remetem aos homens da família Westmoreland. Em ordem cronológica da estória: Royce Westmoreland “O Lobo Negro”- 1º Duque de Claymore; Clayton Westmoreland - 7º Duque de Claymore e, por fim, Sthephan Westmoreland- irmão de Clayton.

Com seus títulos publicados nos Estados Unidos, na Espanha, Rússia, Inglaterra, França, Hungria e Brasil, a autora vendeu mais de 40 milhões de exemplares (GOODREADS). A autora também publicou *Agora e Sempre* (1987), *Em busca do paraíso* (1991), *Até você chegar* (1994), *Sussurros na noite* (1998), *Todo ar que respiras* (2005), entre outros.

Judith McNaught é uma autora considerada por leitores e leitoras as quais tivemos acesso, densa e polêmica, pois sendo sua obra inicial muito repercutida e até reformulada, suas obras apresentam pontos que são discutíveis à luz de diversos prismas. Os personagens desenvolvidos por ela são marcados por características fortes, a relação entre os acontecimentos tecidos nos meandros da obra traz questionamentos acerca da lógica social da época retratada, e ainda das posturas dos personagens descritos.

Em *Agora e Sempre*, outro livro da autora que foi publicado no Brasil pela BestBolso, podemos facilmente fazer um paralelo entre os mocinhos desta obra e de *Whitney, meu amor*. Observemos a sinopse publicada pela Amazon:

Em 1815, a americana Victoria Seaton perde os pais em um trágico acidente de carruagem. Seu amigo Andrew, com quem a jovem pretende se casar, está fora do país. Ela e a irmã Dorothy ficam completamente desamparadas, até descobrirem que a mãe pertencera à aristocracia inglesa. As irmãs são forçadas a partir para a Inglaterra para se hospedarem na casa de parentes desconhecidos. Victoria surpreende-se ao conhecer seu primo distante, o lorde Jason Fielding. Disputado pelas mais belas mulheres da alta sociedade, solteiras ou casadas, Jason é um mistério para a jovem. Confusa pela

arrogância do rapaz, mas atraída por seu forte poder de sedução, ela percebe que Jason é assombrado por um passado doloroso. (MCNAUGHT, 2014).

Jason Fielding é dotado de uma personalidade arisca e dominadora, que tem seu espaço invadido pela chegada de suas primas desconhecidas. Por imposição do tio, que na verdade é seu pai, Jason é levado a “aceitar” a presença delas. Com um passado conturbado e difícil, Jason acaba por tornar ainda mais extenuante a jornada de Victoria a conquistar seu coração de pedra.

Os comportamentos de Jason perante sua prima e postura de seu tio são deveras semelhantes aos de Clayton com relação à Whitney, pois, assim como Westmoreland, ele se vale de seu poder simbólico de homem e nobre para justificar suas atitudes rudes com relação a Victoria. O poder simbólico (Bourdieu, 2002) de Jason na sociedade, tanto entre seus pares quanto entre seus empregados, proporciona a ele o aval de que necessita para que não tenha suas atitudes e maus tratos questionados. Ele não tem ninguém acima dele no campo ao qual está inserido, se tornando assim seu próprio senhor.

No decorrer do livro, Victoria sucumbe à aura dominadora e máscula de Jason e, a partir da interação entre eles, os acontecimentos se desenrolam e produzem campo vasto para análise dos papéis de ambos na sociedade da época. Tanto Jason quanto Clayton carregam as características de gênero semelhantes em sua construção nas duas obras da autora.

Para que possamos melhor vislumbrar o quanto a obra de McNaught – *Whitney, meu amor* - é fonte de questionamentos e paixões, trazemos a avaliação de duas leitoras no site da Amazon, utilizando de nomes fictícios para preservar a identidade das mesmas. A primeira, tomemos por Ana, avaliou com cinco estrelas dando ao livro a maior avaliação do site, enquanto a segunda escolhida, a qual chamaremos Raquel, avaliou com uma estrela e, portanto, com a menor avaliação. Seguem os comentários:

A autora Judith McNaught é excelente em livros de época. Descreve muito bem os cenários, os eventos, os trajes o que faz você se sentir no momento histórico do livro. Também é ótima na caracterização dos personagens. Um livro muito bem escrito. A dificuldade em analisar está na história. Whitney durante a infância e início da adolescência foi muito espirituosa, rebelde e desafiou seu pai inúmeras vezes. Depois de se dar por vencido ele envia Whitney para um adorável casal francês que fica responsável por educá-la e são maravilhosos na missão. Eles não mudam a essência da garota, apenas enaltecem suas qualidades e a fazem se tornar admirável. Nessa primeira fase do livro eu já sentia dó da personagem e criei um ranço real com os "amigos" de infância e seu pai. Quando Whitney vai para Paris acaba deixando em Londres, Paul quem ela considera ser o amor de sua vida. Durante sua trajetória em Paris é admirada por vários rapazes, incluindo Nick, um nobre que se torna seu amigo e sem saber acaba na mira do Duque

Clayton Westmoreland. Depois do aparecimento do duque e do acordo odioso que ele faz com o pai de Whitney o livro tem uma grande reviravolta. Clayton é um dos personagens mais complexos que já li na literatura e talvez o "mocinho" mais vilão que conheci em romances de época. Primeiro vamos ver um grande declínio dos personagens até a história se estabilizar e depois haverá um novo declínio quando as coisas pareciam estáveis. A razão das cinco estrelas, apesar de ter em vários momentos odiado demais Clayton e suas ações, foi a autora conseguir provocar toda essa ira em mim. Um personagem para lá de imperfeito tinha sim potencial(sic) para ter feito parte de uma história real. Uma coisa tem que ser bem esclarecida. A autora não enaltece a violência contra a mulher e nem o relacionamento abusivo, mas ela mostra que ele ocorria. Mesmo com as escolhas do final não acredito que a Judith teve intenções de fazer qualquer apologia, apenas relatou como as coisas eram. Se você quer romance de época, polêmica, mocinha rebelde e "mocinho vilão", esse livro é para você. (Avaliação de Ana, 20/12/2018).

A forma de escrita da autora é notadamente peculiar e abre discussão para analisar as representações sociais, os símbolos e os costumes que são descritos em *Whitney, meu amor*. Ana, em seu comentário, deixa evidente e explícito sua insatisfação com alguns aspectos do livro, tendo o comportamento do personagem Clayton Westmoreland lhe provocado irritação e insatisfação. A masculinidade de Clayton é enalticida a todo o momento no livro, e as atitudes reafirmam os aspectos de sua postura ligados ao título de nobreza ao qual detém, formularemos aqui com a relação à construção de Clayton pela autora a discussão de masculinidade hegemônica de Connell (2005).

Brianna avalia o livro com uma estrela e aponta, assim como Ana, os aspectos frustrantes que a fizeram interromper a leitura. Cita as questões pertinentes no comportamento do “mocinho” (Clayton) para com Whitney. Segue a avaliação:

Primeiro, a Judith McNaught é uma ótima escritora. Trata-se de uma história com um ótimo início: "o patinho feio que vira o cisne", tudo é muito bem escrito. Contudo, não consegui terminar de ler o livro. Tem uma grande quantidade de violência contra a mocinha, não apenas bullying, mas violência física, assédio e moral(sic), praticados pelo próprio mocinho. Inicialmente fiquei desconsertada, achei que seria apenas uma passagem, mas isso não acaba nunca. Há um estupro praticado pelo mocinho. Então fica o alerta. (Avaliação de Brianna, 20/04/2018).

“A construção cultural do gênero é evidente quando se verifica que ser homem ou ser mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades ou em épocas” (STREY, 2000, p.180). A partir do que afirma Strey, há tensão entre as definições do que é ser homem e ser mulher no século XIX, no qual a autora ambientou a obra, e no século XX no qual está inserida. Tais divergências surgem, por exemplo, quando durante o final do século XIX

emerge a sociedade burguesa industrial, uma vez que tal sociedade se ergue surgem diferenças nos papéis já estabelecidos de homens e mulheres, o papel central ainda está no patriarcado, “(...) que como o próprio nome indica, é o regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens”. SAFFIOTI (2004). Às mulheres restritas ao âmbito da casa, sendo o domínio do homem o do trabalho – o público.

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime paterno não apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar as mulheres para si próprios. Seu sucesso nesse empreendimento é narrado na história do contrato sexual. O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é so-cial no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de ‘lei do direito sexual masculino’. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno ( PATEMAN apud SAFFIOTI, 2004, p. 53-54).

O contrato original traz pois a legitimação da submissão, um contrato entre homens , que parte da diferença sexual e abrange a política , diz respeito aos direitos civis dos homens-sentido gênero- , e é carregado também para o ambito social . Saffioti(2014) evidencia como o contrato perpaça os ambitos, e deixa de ser exclusivamente político para assumir caráter social também, e ainda traz uma das afirmações do feminismo radical quando aponta: “*o pessoal é político.*” Para ela é importante nomear e evidenciar o *patriarcado*, pois não fazendo acabaremos pois a naturalizar, uma dominação -exploração que é construída.

Sendo esta uma sociedade patriarcal, e as mulheres sendo “dominadas” pela ideologia de gênero, levanta-se uma questão a partir disto: Por quais motivos mulheres deste século lendo romances de época apaixonam-se por mocinhos como Clayton? Trataremos de responder tal questão ao decorrer deste trabalho.

### **1.3 Uma Análise Figuracional De *Whitney, Meu Amor***

Utilizando da Figuração em Elias, tomaremos o cenário do livro para demonstrar como as relações entre as personagens são construídas e evidenciadas no texto da autora, e entre estas surgem as relações mais ou menos elásticas, além dos papéis de cada um na teia social na qual estão inseridos. Para Elias, as figurações estão em constante fluxo, e sendo assim para ele não há uma dicotomia entre a sociedade e os indivíduos; ao analisarmos os personagens, só poderemos fazê-lo em relação à sociedade que está sendo descrita no livro. Ou seja, tomaremos as relações entre personagens no contexto da obra como a figuração inicial a ser trabalhada, o que denominaríamos por sociedade, no jargão mais convencional. Depois tomaremos a relação entre leitoras e obra como uma segunda figuração a ser compreendida a partir das interpretações e posicionamentos a respeito das personagens principais da obra.

Clayton Westmoreland, o Duque de Claymore é, portanto, o personagem máximo da figuração social de *Whitney meu amor*, pois é a ele, e em sua órbita, que os principais acontecimentos se desenrolam, sendo ele também o representante máximo da aristocracia na região- ainda que nem todos os personagens tivessem consciência de seu título, mas também por sua aura de poder. A sociedade inglesa da época possui regras específicas para o convívio de membros do “beau monde”<sup>9</sup>. Assim, como evidencia Elias, em *Sociedade de Corte* (2001), quando este aborda a corte de Luís XIV, tais regras são apreendidas inicialmente com os manuais de etiquetas e depois com o tempo se tornam tão naturais quanto respirar.

A dinâmica de regras e normas sociais estabelecidas e ditadas em conformidade com os atores sociais para os seus integrantes é seguida à risca por todos, menos Whitney que não só as ignora como trata de, sempre que pode, evidenciar isso, como já foi colocado acima. Tomando o modelo de análise de Elias sobre o Ancien Regime, pode-se perceber como se dá a trama de relações entre os personagens do livro, as regras sobre as quais vivem, e como se comportam diante a seus papéis sociais. As regras da sociedade inglesa do século XIX se assemelham com as da sociedade francesa do século XIV, tais regras são responsáveis por penalidades ou exaltação, conferindo prestígio ou derrocada para os participantes da sociedade.

Porém a necessidade de autoafirmação social, ou esforço para melhorar a posição e o prestígio, impõem aos cortesãos obrigações e coerções não menos rigorosas e intensas do que aquelas às quais os homens modernos se submetem para defender seus interesses profissionais. (ELIAS, 2001). Desta forma também é perceptível que, em *Whitney, meu amor*,

---

<sup>9</sup> As pessoas em uma sociedade particular que são ricas e elegantes. Definição do dicionário Cambridge.

mesmo ainda estando em uma situação difícil com relação às finanças, Stone envia sua filha para a tão necessária temporada de lapidação na França, que é tida como o berço dos bons modos, da moda e da finesse. Whitney só estaria preparada e devidamente inserida em sua classe social quando tivesse internalizado todas as regras e costumes tidos como os “modos de uma verdadeira dama”, modos estes que eram conteúdo dos diversos livros de etiqueta tão em voga à época. Assim sendo, voltaria para casa com uma possibilidade real de fazer um bom casamento e obter aceitação de seus vizinhos e amigos. Para Whitney tais regras eram um fardo que a distanciava de seu amado Paul, além de moldá-la em algo que não era; porém, assim como esclarece Elias, tais regras e cerimoniais característicos das classes mais altas, e depois se estendendo também à burguesia, eram os demarcadores de poder, prestígio e status: aqueles que não as dominassem acabavam por sofrer as sanções devidas, no caso da sociedade inglesa, o ostracismo (ELIAS, 2001). Uma vez que a burguesia, durante o século XIX, estava em momento de fortalecimento por conta do desenvolvimento da industrialização, esta passa a performar as regras da aristocracia “civilizada”, e seus infinitos manuais de etiqueta, ainda que não tivessem esta proximidade em todas as nações européias, a exemplo da Alemanha, quando os aristocratas e seu modo de vida foi duramente criticado, e cosntruída uma nova noção de cultura.

A “opinião” que “os outros” tinham sobre o indivíduo em particular decidia então, com frequência, questões de vida ou morte, sem recorrer a nenhum outro meio além da perda de status, da exclusão, do boicote. “A opinião do conjunto dos membros da sociedade era, nesse caso, imediatamente efetiva e “real” com respeito a um membro determinado. (ELIAS, 2001, p. 112).

Desta forma a única possibilidade dentro da figuração social de Whitney seria a lapidação na França, ou seja, ser submetida a aulas das mais diversas para que se encaixasse efetivamente, e obtivesse aceitação dos demais. A dominação da aristocracia está embasada em seu poder de distinção, em sua capacidade de diferenciação em relação às demais classes, sendo assim, o modo de vestir, agir e viver deve, portanto, aumentar a distância de camadas “inferiores”, demarcar seus lugares no mundo.

“Não se trata de mera cerimônia, mas um instrumento de dominação dos súditos (ELIAS, 2001, p. 133)”. Tal afirmação cabe perfeitamente na descrição do poder exercido pelo personagem Clayton Westmoreland na trama de Judith, pois sendo ele um duque, e tendo um título que está na escala hierárquica da aristocracia abaixo apenas do rei, espera-se que emane poder e prestígio.

Elias atenta para a racionalidade sem esforço dos membros da sociedade francesa da época de tal modo que seus desejos e ambições são devidamente calculados e medidos para não demonstrarem fraquezas de sentimentos, paixões, pois estes seriam sentimentos menores e por isso distante das camadas mais nobres da sociedade. E é desta forma desapixonada que Clayton escolhe sua noiva, munido de racionalidade e distanciamento, escolhendo-a por sua beleza e elegância, enquanto Stone como um pai da época preocupa-se em casar sua única filha com um homem que a seu ver será capaz de dar a ela uma vida tranquila e um título, melhorando assim as conexões de sua família.

Trata-se de uma sociedade na qual a posse de um título de nobreza é mais valiosa, para quem cresce ali, do que a posse de uma riqueza acumulada; na qual pertencer a corte do rei ou mesmo a ter o privilégio de comparecer à presença do rei –de acordo com as estruturas de poder existentes – é algo extraordinariamente importante na escala dos valores sociais. (ELIAS, 2001, p. 94).

Uma vez que o contrato entre o Duque e o pai de Whitney é estabelecido, o noivado acertado, há uma relação de proximidade entre os dois, logo Stone alcança por meio do casamento da filha o prestígio diante dos pares, será sogro de um duque. As redes de relações formadas a partir dos moradores da vila de Whitney corroboram para a análise de figuração em Elias quando mostram que todos os membros partilham das mesmas regras sociais em alguma medida, pois Whitney seria aquela que quebra as regras afim de conquistar seu amor, e estando estas figurações em constate fluxo, e não existem para além dos indivíduos, eles são interdependentes, mas não são unívocas , a exemplo da própria Whitney . A relação de Whitney com Martin Stone, com Clayton, Paul e Nicki DuVille e os outros personagens fazem parte de uma rede, com relações mais ou menos elásticas.

Pois a todo modo de agrupamentos humano corresponde uma determinada configuração do espaço *onde* aqueles indivíduos de fato estão ou podem estar reunidos, todos juntos ou divididos em unidades menores. Assim, a expressão de uma unidade social no espaço, o tipo de sua configuração espacial é uma representação tangível e, - literalmente- visível de suas particularidades. (ELIAS, 2001, p. 67).

E tais relações permeiam os acontecimentos durante toda a trama. O prestígio e o poder de Clayton ficam evidentes em várias cenas do livro, a forma como Stone trata dos acertos para o casamento, como Whitney se relaciona com seus amigos e tios, todas essas relações demonstram a teia relações e sua elasticidade. A forma como os personagens

masculinos são descritos no livro, e suas masculinidades (CONNELL, 2005) são retratadas serão analisadas no capítulo seguinte, sendo discutidas em relação com a feminilidade.

## 2. MASCULINIDADE “S”, DE QUEM SE FALA?

À medida que o ideal hegemônico de masculinidade se estabelece, este é criado por oposição a um feixe de “outros”, cuja masculinidade foi problematizada e desvalorizada. O hegemônico e o subalterno emergem em uma mútua e desigual interação, em uma ordem social e econômica com uma demarcação prévia distorcida de gênero. (KIMMEL, 1998, p. 103).

Para dar conta das representações dos personagens masculinos e femininos descritos no livro, precisamos adotar um modelo analítico sobre o conceito gênero. Tomamos, pois, a definição de SCOTT, em que ela aponta:

[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos relacionados entre si [...]. (SCOTT, Joan, 1989).

O gênero para SCOTT (1989) é constituído de quatro aspectos, sendo o primeiro os símbolos culturalmente evocados, ela cita o símbolo de Eva – a culpada pelo pecado original, e Maria- a virgem representante da pureza, que evocam ora enaltecimento, ora negatividade; segundo aspecto: os conceitos normativos que estão enviesados pelas doutrinas religiosas, educativas científicas, políticas, jurídicas que passam a ter corpo na oposição binária entre o masculino e o feminino, proporcionando uma visão estática; no terceiro aspecto, a autora traz a relação entre o parentesco, a economia, a organização política, uma vez que as características do feminino e do masculino divergem em algumas sociedades, onde os aspectos do parentesco, econômico, e político estão imbricados; por fim o quarto aspecto, que diz respeito ao uso da diferença do sexo – ou seja da diferença da anatomia dos corpos para legitimar os fenômenos sociais.

O papel dos gêneros em *Whitney, meu amor* é característico da sociedade inglesa do início do século XIX pertencentes à aristocracia, temos que evidenciar a classe, uma vez que o que é esperado de homens e mulheres está relacionado diretamente à classe à qual pertencem. Sendo assim, MCNAUGHT ainda que escreva no século XX- anos 1985, evoca as características da sociedade da época. Sendo o gênero uma forma de leitura de mundo, de entender as relações e as interações sociais, precisamos analisar como são construídos os papéis de gênero em *Whitney*, e como estes inferem diretamente nos comportamentos esperados ou não dos personagens, e analisando obviamente os desvios (SCOTT, 1989).

O gênero tem papel fundamental na organização, na igualdade e desigualdade de uma sociedade, uma vez que estes elementos estão ligados às relações de poder, e tomando a sociedade inglesa descrita no livro, o poder é masculino. Ao gênero feminino cabe sair da proteção de seu pai para passar à proteção de seu marido, preocuparem-se com frivolidades como roupas, chapéus, artigos que a embelezassem para serem exibidas nas festas e passeios, portar-se como uma “verdadeira dama” transmitia sua boa educação, enquanto ao homem a esfera pública era o seu domínio, naturalizando o que é socialmente construído.

Os modelos de masculinidade trazidos pela autora da obra têm por base homens brancos que vivem na Inglaterra, da classe aristocrática- nobreza, logo teremos que estudá-los dentro de seu período histórico inicialmente, para apenas em seguida, analisá-los dando conta destas representações no contexto em que foram lidos. Mesmo, ou ainda que apresente uma hierarquia de masculinidades no campo onde estão inseridos, estes são privilegiados em relação a outras classes e raças, sendo este um conteúdo para uma outra análise.

Clayton Westmoreland, como já foi dito, é um duque, logo seu prestígio e suas obrigações são igualmente proporcionais ao título, ao passo que tem os pares do reino, seus empregados, o resto da sociedade inglesa a seus pés, possui também uma carga de obrigações e cobranças desde a sua tenra idade. Dentro do que é representado no livro, Westmoreland, pelo seu título, é um representante da masculinidade hegemônica, trazendo os modelos de masculinidades- no plural- de R. W. CONNELL, esta, se destaca dentre as outras por aspectos específicos.

A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. [...] Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.[...] A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada

através da cultura, das instituições e da persuasão. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

A hierarquia das masculinidades podem de fato mudar uma vez que elas são históricas: nos século XVII e início do XVIII os homens nobres exerciam hegemonia na esfera de masculinidade, porém com a revolução industrial e a ascensão da burguesia, os comerciantes- burgueses passam a figurar a hegemonia da masculinidade por meio da transformação social e econômica. Utilizando este modelo proposto por CONNELL, identificamos os personagens relacionando-os com as masculinidades: hegemônicas, cúmplices, subordinadas e marginais.

Os duques aprendem, são forjados para a função desde cedo para que saibam portar-se diante da sociedade aristocrática, sendo assim, as características mais marcantes dos duques são a aura de poder e a virilidade, mesmo ou ainda que estejam sempre com vestimentas impecáveis, ornamentos, monóculo e um exército de empregados a seu serviço, os duques principalmente os retratados nos romances históricos-são poderosos, viris e extremamente másculos. Seu comportamento é altivo, o mero levantar de sobrancelha indica seu descontentamento, e o mais importante, os outros homens e seus respectivos títulos são todos inferiores a ele. Abaixo trazemos duas partes que evidenciam isto:

A tarefa de tentar identificá-lo, entre as centenas de homens a quem fora apresentada desde que chegara a Paris, parecia impossível, mas Whitney não desistiu. Pensava em todos os conhecidos, descartando um após o outro. O estranho devia ter quase 1,90 metro de altura, e essa era uma característica marcante. E olhos cinzentos como aqueles não eram comuns. (MCNAUGHT, 2018, p. 58).

Clayton Westmoreland tinha pouco mais de 30 anos, era muito alto e decididamente bonito. Havia uma vigorosa determinação em suas passadas largas e rápidas, que deixavam adivinhar uma vida ativa, diferente da existência indolente que Matthew normalmente atribuía a cavalheiros nobres e ricos. Uma inconfundível aura de poder e eficiência emanava dele. Um par de penetrantes olhos cinzentos fixou-se em Matthew, que engoliu em seco nervosamente. (MCNAUGHT, 2018, p. 64).

Acima nos dois trechos trazidos há a descrição por parte de McNaught sobre Clayton, um por parte de Whitney e outro pelo seu advogado Matthew, em ambos se percebe a preocupação em evidenciar as características que o distingue dos demais homens nobres, e dos homens de outras classes. As suas características representam o tamanho de seu poder, logo sua beleza é maior, seu porte é o mais distinto, suas características se assemelham a seu

“status” na hierarquia das masculinidades e lhe conferem poder simbólico e econômico (BOURDIEU, 2007).

A masculinidade hegemônica representa o ideal atual de virilidade numa sociedade patriarcal concreta e constrói-se na máxima distância da feminilidade, mas também da masculinidade subordinada, que Connell identifica principalmente nas masculinidades homossexuais [...] (GRÜNNAGEL; WIESER, 2015, p. 343-344).

Os personagens Martin Stone, Lorde Gilbert, Nicolas DuVille e Paul Sevarin, ainda que sejam nobres e homens, não figuram a masculinidade hegemônica de Clayton, pois, mesmo ostentando títulos, são inferiores ao Duque de Claymore. Logo, no modelo analítico de Connell, estes estariam classificados como pertencentes a masculinidade cúmplice, pois eles tiram vantagem do que a autora denomina como “dividendo patriarcal” (Connell, 2005, p.79). Eles se beneficiam do fato de serem homens e pertencerem mesmo que em grau inferior à nobreza, sendo assim não poderiam ser classificados como pertencentes a masculinidade subordinada, uma vez que esta masculinidade está associada a não participação do projeto hegemônico e ainda a não acessar as vantagens estruturais. O personagem Matthew - o advogado do Duque - seria classificado segundo este modelo como a masculinidade subordinada uma vez que não se beneficia das vantagens, e ainda que seja homem, não possui acúmulo dos capitais que são necessários para figurar a masculinidade cúmplice.

As masculinidades de Connell são projetos, não são essencialistas, ou imutáveis, pois suas práticas são identificáveis em uma sociedade concreta, como a que é descrita no livro de MCNAUGHT, e, a partir de tal sociedade, podemos identificar tais projetos e analisá-los nas respectivas definições. Como aponta Oliveira (1998), a masculinidade hegemônica é mantida por uma parte significativa da população masculina, estes esperando alguma gratificação fantasiosa por fazer parte do poder que ele proporciona.

## **2.1 Tipo Ideal De Masculinidade**

O homem civilizado diz: Eu sou autossuficiente, eu sou o Mestre, todo o resto é o outro- o exterior, abaixo, inferior, subserviente. Eu possuo, eu uso, eu exploro, eu aproprio, eu controlo. O que eu faço é o que importa. O que eu quero é o que é importante. Eu sou o que eu sou e o resto é mulher ou selvagem, para ser usado como eu achar conveniente.” (LE GRIN, 2011)

Para discutir os projetos de masculinidade construídos no livro de McNaught se faz necessário definir um tipo ideal, e como estes personagens se aproximam ou se afastam deste modelo. Utilizando o conceito weberiano de *tipo ideal*, e criando um modelo analítico puro, partiremos para compará-los com os personagens masculinos descritos no livro de McNaught. Levamos em consideração o contexto da época descrito, desta forma um tipo puro de masculino do século XIX início dos anos 1800, primeiramente, teria um título, quanto maior o título, maior seu prestígio social. Tomemos como o tipo puro de masculinidade o “nobre perfeito”, que possui as características indispensáveis para sua classificação: duque, viril, rude, másculo, forte, dominador, poderoso, belo, rico, libertino, protetor, provedor, responsável, bem vestido, e possessivo. Tais características confeririam a este a definição um tipo ideal de masculinidade do período da Regência<sup>10</sup> inglesa. Sendo Clayton Westmoreland, o Duque de Claymore por diversas vezes durante o livro com as características mais semelhantes com o tipo ideal, ele se torna aquele que mais se aproxima do modelo puro. Ele é o provedor, cuida de todos os inquilinos de sua propriedade, é belo, notório libertino, consegue se relacionar com as mulheres mais lindas e desejadas. Veste-se com esmero, possui o poder incontestável característico de seu título, prova desta forma como é viril quando todos atestam suas capacidades de conquista.

McNaught descreve Clayton com exatidão, evidenciando suas características distintivas em relação aos outros personagens, ele emana poder, sua aura máscula é visível e palpável, todos percebem. A autora evoca as características masculinas do tipo puro que criamos: arrogância, aura de autoridade, virilidade agressiva, feições firmes, deixando nítido a relação do gênero e poder (SCOTT). O papel social do homem é o de ser corajoso, calculista, racional, viril, tais características são importantes para a manutenção da ordem e hierarquia social (NADER, 1997, p.462). Esta hierarquia sempre está ligada ao papel de protagonismo dos homens e à inferioridade das mulheres.

O *status* de Clayton na sociedade aristocrática que está inserido é perceptível por suas relações com os outros personagens homens, e as mulheres que figuram o enredo. Ele tem prestígio social, devido a seu acúmulo de capitais – social, econômico e cultural – (BOURDIEU) define sua atuação na sociedade de acordo com seus interesses e desejos. Sendo ele um duque, e estando em uma posição privilegiada em relação aos outros, ele usa de tais armas para reafirmar seu status. Desde cedo, logo em sua primeira inserção na célula

---

<sup>10</sup> Período que compreende os anos de 1811 a 1820 no Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, em que o Rei Jorge III foi considerado inepto para governar, tendo seu filho o Príncipe de Gales assumindo como Príncipe Regente. Historicamente este período foi estendido de 1795 a 1837.

social a criança do sexo masculino é apresentada aos comportamentos de seu gênero, tais características são imitadas por toda a vida do indivíduo, e estas características o distanciam do mundo feminino e do homossexual. A *identidade de gênero* começa quando a criança percebe que pertence a um sexo e não ao outro (NADER, 1997).

A identidade de gênero dos personagens homens descritos por McNaught conformam com a definição dos papéis de gênero das sociedades ocidentais, os homens possuem e dominam a esfera pública, são os senhores de seus destinos. Suas atitudes são legitimadas pela condição de macho, e macho no caso de Clayton: dominante, uma vez que ele é o que mais se aproxima do modelo puro de masculinidade. O modelo comportamental de ser homem pautado pela agressividade, competitividade, busca do sucesso e poder, contrastava com a visão elaborada para o feminino, baseada na suavidade, na expressão das emoções e na dependência (SANTOS, 2010, p.61)

O *habitus*<sup>11</sup> (BOURDIEU, 2007) de ser Duque em uma sociedade aristocrática envolve um posicionamento diante dos demais, Clayton performa de acordo com o campo, desta forma suas ações são avalizadas pelos outros agentes, e há uma expectativa a respeito de suas atitudes, e uma preocupação por atender aos seus desejos prontamente. *O homem viril, macho, forte e inflexível é construído socialmente* (SANTOS, 2010, p.60).

Nicholas DuVille amigo de Whitney, mesmo sendo nobre, é francês, seu título não se aproxima do ducado de Clayton, ainda que apresente as características como virilidade, seja poderoso, másculo, possessivo, belo, e libertino, não é provedor, não é dominador, e seus capitais são admirados na sociedade francesa, na sociedade inglesa é apenas um estrangeiro.

A amizade de DuVille e Whitney é malvista por Clayton justamente por este ser um concorrente indesejado aos seus planos, Claymore não aceita que a mulher com a qual irá se casar tenha admiradores. DuVille não é poderoso, ainda que seja belo, não se aproxima do modelo analítico, não é rude, ele, como as características francesas são exaltadas em diversos outros livros, é mais civilizado, beirando a feminilidade. Não se identifica com atitudes extremadas de Clayton.

Analisamos o pretendente pelo qual Whitney sempre ansiou, seu vizinho Paul Sevarin, nesta configuração Paul só possui prestígio na vila onde mora, não teria papel de destaque no “beau monde” de Londres. Proprietário rural, com uma propriedade pequena e

---

<sup>11</sup> [...] se apresentam como *cerimônias* por meio das quais os agentes- que nem por isso são *actores* desempenhando *papéis* – entram na pele da personagem social que deles se espera e que eles se esperam de si próprios (é a vocação) , e isto pela força desta *coincidência* imediata e total do *habitus* e do *habito* que faz o verdadeiro monge.

endividada, suas características são ofuscadas perante Clayton. Analisando-o a luz do modelo puro de “Nobre Perfeito” ele não é viril, poderoso, provedor – uma vez que não consegue minimamente pagar as próprias faturas-, suas atitudes não são agressivas, não é poderoso, não pode ser caracterizado como arrogante pois tem boa relação com todos os vizinhos e amigos, ainda que seja apresentado como belo, carece dos outros atributos para se assemelhar ao modelo proposto.

“ O modelo de masculinidade é ainda internamente hierarquizante, incluindo por isso o espectro da feminilidade nas disputas pela masculinidade. Na competição feminiza-se os outros, na solidariedade vangloria-se a sua masculinidade( OLIVEIRA,1996)”. Nas situações em que Whitney compara o Duque a Paul, o primeiro faz questão de provar e evidenciar sua masculinidade diminuindo a do rival, apontando suas características menos masculinas.

O pai da mocinha, Lorde Martin Stone, não possui título de relevância, não é um duque, tem características mais caricatas, a McNaught o tece, como um homem fraco de caráter, que não possui fortuna-uma vez que vende a filha pelo maior preço-, após a morte da esposa não consegue manter a educação e o “limite” a Whitney, sua propriedade é pequena, não é belo, seu prestígio é ínfimo. Poder e virilidade só aparecem quando ele impõe a filha suas decisões, estando ele muito aquém do tipo ideal de masculinidade, analisando todos os homens descritos pela autora pode-se pois se perceber que aquele que mais se aproxima do “tipo puro” é de fato o Duque de Claymore.

## **2.2 Masculino e Feminino - Castração De Ambos**

Uma vez que temos os papéis sociais delimitados, homens e mulheres tem suas subjetividades castradas. Carregando tais delimitações aqueles que são diferentes as características estabelecidas para eles, sofrerão.

[...] um vez que ser mulher ou ser homem não é a mesma coisa numa sociedade católica e numa sociedade mulçumana, por exemplo. É exatamente esta dimensão sociocultural que permite compreender a famosa frase de Simone de Beauvoir , em O segundo sexo: ” ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. É através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída.(SAFFIOTI, 1987, p. 10).

A construção dos gêneros em *Whitney, meu amor* se assemelham com a estrutura social ocidental, onde há uma hierarquia entre eles, e a mulher está sempre abaixo. Os personagens homens possuem a primazia do falo características de sociedades patriarcais, e conseqüentemente estes são senhores de seu mundo, e decidem os destinos das personagens.

Uma jovem dama precisa preparar-se para os seus deveres com a casa, dos filhos, e para com seu marido se submetendo aos seus desejos e necessidades. Desta forma, passa da responsabilidade de um homem para outro- o marido. Como aponta Saffioti (1987), o poder da ideologia da “inferioridade” da mulher é tão contundente que até as mulheres que trabalham com serviços pesados, ainda que produzam mais que os homens, acreditam em sua fraqueza. Sendo a ideologia uma forma de enxergar-se com distorções, ainda que possua a força para cumprir as mesmas tarefas e fazê-las até com mais êxito, a mulher, por conta da ideologia, passa a acreditar em sua “inferioridade”. Whitney em diversos momentos se classifica como não feminina, inepta ao casamento e ao traquejo social, por trotar e não andar, por não conseguir performar de acordo com o que a sociedade da época atribui ao papel feminino.

A senhora com certeza sabe que todo mundo acha que é perda de tempo dar esse tipo de instrução a uma mulher. E eu não sou nada boa no que se refere a prendas femininas. Não dou um ponto sem que pareça que costurei com os olhos vendados e, quando canto, os cachorros começam a uivar, lá no estábulo. O sr. Twittsworthy, meu professor de música, disse a meu pai que fica com urticária quando me ouve tocar piano. Não sei fazer nada das coisas que as moças devem saber fazer e, o que é pior, eu as detesto. (MCNAUGHT, 2018, p. 20).

Saffioti (1987), em *O poder do macho*, afirma que o poder está há milênios em mãos masculinas, e desta forma estes não cederão o poder e a supremacia sobre as mulheres tão facilmente. É característico dos homens- que na configuração social são privilegiados- não enxergarem sua condição de privilégio, pois estes nunca viveram situações pelas quais aqueles que estão do “outro lado da força” – mulheres - passam cotidianamente. Este aspecto está não só evidente na questão gênero, mas raça e sexualidade também.

—Também acho—concordou Clayton. E, antes que Whitney se recuperasse da surpresa, acrescentou: —No entanto, permanece o fato de que, por mais instruída que seja uma mulher, um dia ela terá de se submeter à autoridade de seu amo e senhor. (MCNAUGHT, 2018, p. 142).

O poder permeia as relações de homem-mulher como aponta Saffioti, e ela se torna corpo com agressão física, no romance além da violência simbólica, que Bourdieu (2011)

evidencia que se institui a partir da adesão por parte do dominado à violência do dominante, a mocinha sofre a violência física, culminando em uma cena polêmica e controversa do romance que discutiremos mais adiante no trabalho. Clayton, Nicki e até em certo momento Paul, se valem da força para subjugar Whitney, mostrando a ela quem manda realmente, legitimando o poder através da força.

Adorava o espírito de Whitney, seu frescor. Ela era o recipiente de uma paixão ardente que despertava, estava pronta para ser tomada. Era tudo o que ele imaginara que seria, e muito mais: voluntariosa, doce, dona de um temperamento flamejante, impertinente, inteligente, um tesouro de contrastes excitantes. Seu tesouro. (MCNAUGHT, 2018, p. 128).

Em uma sociedade organizada verticalmente, onde homens e mulheres ocupam lugares distintos na hierarquia social, a mulher se torna símbolo de prestígio do homem, a conquista da esposa só reafirma a masculinidade, sua virilidade e capacidade de êxito. Ao homem está associada a função de caçador, segundo a ideologia dominante. Persegue sua “presa”, dele se espera a perseguição do seu objeto de desejo, como o caçador persegue o animal ao qual deseja matar (SAFFIOTI, 1987 p.18). Clayton, enquanto macho dominante, persegue Whitney, decide “cortejá-la”, e não admite que Whitney tenha outros homens, pois será seu marido, ela será sua para “possuir” como desejar. (BOURDIEU, 2011, p.29)

Ouviu o que eu disse. Quero saber ao certo que papel desempenho na pequena peça que estamos encenando. Quer que eu a beije para que Sevarin fique com ciúme? É isso?—Eu não deixaria que me tocasse nem que estivesse morrendo afogada—declarou ela, furiosa por ter sido humilhada. —Não me importo de beijá-la se esse for meu papel, mas eu gostaria de ter certeza se vou gostar—informou ele, ignorando o que ela dissera.—Vou beijar uma iniciante, ou já beijou tantos homens que sabe o que fazer? Quantas vezes já foi beijada, srta. Stone? (MCNAUGTH, 2018, p. 110).

Como Bourdieu (2011, p.58) descreve a sociedade Cabila e a relação da dissimetria entre o homem, sujeito, e a mulher objeto de troca, evidenciando que a mulher não pode estar sob suspeita ou ofensa, devem permanecer livres de mácula para que seu valor simbólico na troca seja maior, tanto para Stone quanto para Clayton, Whitney deve ter suas atenções voltadas para seu futuro esposo em exclusivo, interagir e incentivar os avanços de Paul, manchariam seu valor simbólico, assim como seu valor econômico.

A lógica da dominação segundo Bourdieu não está relacionada a uma consciência por parte do dominado de se submeter, mas tem relação com as estruturas estruturantes que atuam sobre os corpos, a dominação pois, não será quebrada tão facilmente mediante a tomada de

consciência pura e simples por parte das mulheres. Whitney não concebe outra maneira de ser aceita pelo pai e a sociedade que não seja adaptar-se as normas sociais, tornar-se uma dama, controlar seus desejos e atitudes, são a chave para conquistar Stone e Sevarin ao mesmo tempo.

Saffioti aponta como acontece com Whitney, que para a construção social da supremacia se faz necessário que haja a construção social da subordinação da mulher, desta maneira, ainda que os interesses de Whitney estejam em andar a cavalo escarranchada, expressar suas opiniões sobre diversos assuntos, ou ainda se casar com quem realmente deseja, reconhece que deve polir-se para obter a aprovação de seu pai e de Sevarin. “Mulher dócil, é contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contraparte de macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional” (SAFFIOTI, 1987, p. 29).

Embora tenha sido difícil investigar a vida da jovem sem levantar suspeitas indesejáveis, descobrimos que a srta. Stone foi uma criança difícil, de comportamento imprevisível. Ela é instruída, teve vários professores particulares. Naturalmente, fala francês fluentemente, assim como é proficiente em grego, o que lhe permite servir de intérprete para o tio em reuniões sociais em que estejam presentes diplomatas gregos. Lê em italiano, latim e alemão e talvez até fale essas línguas, mas não temos certeza. Matthew hesitou, sentindo-se um tolo ao dizer a lorde Westmoreland o que ele já devia saber.—Continue—pediu o duque, encorajando-o.—Muitas das pessoas com quem entramos em contato disseram que a moça e o pai viviam em grande discórdia—prosseguiu Matthew.—Algumas culpam Martin Stone por essa situação, mas a maioria considera-o um infeliz por ter uma filha rebelde, indomável. Com 14 anos, a srta. Stone desenvolveu uma... bem... uma paixão violenta por um cavalheiro de nome Paul Sevarin, dez anos mais velho que ela, que se aborrecia muito com seu assédio. Por causa disso, e por não poder controlá-la, o pai decidiu mandá-la para a França, sob a tutela dos tios, quando ela estava com quase 16 anos. Foi apresentada oficialmente à sociedade parisiense aos 17, a idade costumeira, e desde então vem gozando de grande popularidade entre os jovens cavalheiros. Claro que isso logo acabará quando descobrirem que o pai está falido e ela não tem dote. Embarçou-se ao perceber que estava conjecturando e lançou um olhar de desculpas para o duque.—A srta. Stone desencoraja todos os pretendentes assim que percebe que eles tencionam pedi-la em casamento—continuou.—Os que persistem e vão falar com o tio dela, lorde Edward Gilbert, são rejeitados por ele, aparentemente em nome de Martin Stone. (Diálogo entre Clayton Westmoreland e seu Advogado – MCNAUGHT, 2018, p. 66).

No trecho do livro em que Clayton e seu advogado Matthew conversam é apresentado ao Duque uma espécie de dossiê com as informações levantadas sobre Whitney, e estas não a favorecem, mas ainda assim, depois das informações Clayton informa ao advogado que procure Martin Stone ofereça-lhe o valor de 100.000 mil libras pela mão de Whitney. Desta forma se prova o que Saffioti evidencia em: “(...) a mulher é sempre escolhida, não escolhe”.

McNaught tece a escrita de modo que a questão da escolha passe a ser irrelevante, pois o prêmio maior é o Duque depois de tudo, sendo assim a vontade inicial, ou a “paixão” inicial dela por Paul fica completamente esquecida.

Estando a mulher constantemente associada a emoções e a valores considerados negativos, inerentes a sua natureza, se faz necessária a figura de um homem para ela ser completa. Essas definições: fragilidade, fraqueza, frivolidade lhes são apresentados durante o processo de socialização, logo tudo que destoa destas características é malvisto.

Logo, não sentem, via de regra, confiança em si mesmas, o que as impede de lutar mais vigorosamente para mudar a situação. A ideologia machista, que considera o homem um ser superior à mulher, não entra apenas na cabeça dos homens. Também as mulheres, majoritariamente, acreditam nestas ideias [...] (SAFFIOTI, 1987, p. 34).

Ao se reencontrar com Sevarin no seu retorno à Inglaterra, tudo o que Whitney pensava era: “Eu te amo, sempre te amei. Agora você me quer? Mudei o suficiente para que me queira?” (MCNAUGHT, p.100), acreditando que a mudança de comportamento o fará aceitá-la como futura esposa. A ideologia machista e a supremacia do macho são impressos na cabeça das mulheres de modo que passar a conceber pensar-se de outra forma se mostra um trabalho árduo. Daí o papel importantíssimo do feminismo, a ressignificação do papel da mulher é, pois, uma importante arma contra os estereótipos que são postos nas mulheres.

Em relação ao homem, este não está imune a cobranças sociais, estes temem ser considerados menos machos, valorizam a força e a virilidade, suas emoções devem ser controladas ao máximo, pois sentimentos estão associados ao mundo feminino, desta forma acabam sofrendo também com estes estereótipos. O processo de castração do homem não é apenas psicológico, é também fisiológico quando aponta Saffioti que, segundo uma pesquisa, as glândulas lacrimais dos homens podem sofrer atrofia devido a falta de uso. O que se percebe a partir disto, é, pois, a necessidade de discutir o quanto os papéis sociais e as práticas cotidianas podem adoecer homens e mulheres. A autora propõe que sejam discutidas as discriminações pelas quais passam as mulheres, uma vez estas reconhecidas, os papéis dos homens também seriam repensados.

### **2.3 Cenas “ Polêmicas” Editas Em *Whitney, Meu Amor***

As edições do livro analisadas apresentam divergências quanto ao conteúdo, tomaremos as edições de: 1999, publicada no Brasil pela Best Seller, e a de 2018 pela Bertrand Brasil. A primeira possui o conteúdo mais curto e com cenas completas – sendo idêntica ao livro lançado éla primeira vez nos Estados Unidos em 1985-, e a segunda versão com cenas editadas e estendido- segundo a autora para poder explorar mais outro personagem. O que discutiremos são as cenas originais, ou seja, as publicadas no livro da Best Seller em 1999. Para partir para análise precisamos antes, evidenciar a inquietação que nos fez buscar as cenas originais.

Diante das discussões sobre os direitos femininos, a igualdade de gênero, os relacionamentos abusivos e as questões pulgentes sobre feminicídios e agressões contra mulher, se faz primordial que tais questões sejam analisadas também no âmbito da literatura. Queremos pois, dar conta de entender a motivação da autora de mudar a obra, qual a importância da mudança, e quais os efeitos causados nas leitoras de tais cenas. Trazemos a primeira cena que foi editada, e não aparece por completo nos livros de 2014- BestBolso e 2018 – Brtrand Brasil:

Agora, nós dois vamos compartilhar de seus divertimentos favoritos: cavalgar, usar o chicote e ouvir desculpas. Você vai “cavalgar” minhas pernas, eu usarei o chicote, e você pedirá desculpas. Entendeu as regras do jogo? Whitney olhou para o chicote preto na mão dele, depois para o implacável rosto bronzeado, não se dignando a responder.—Deite-se de bruços em meus joelhos, Whitney—ele comandou, estendendo a mão para ajudá-la. Em seu pavor, sem pensar, ela a aceitou. Ajoelhou-se ao lado de Clayton, fitando-o com ódio indisfarçado. Ele fez um gesto de cabeça, indicando as próprias pernas. Afundando-se num mar de vergonha, Whitney colocou-se na humilhante posição. As coxas duras pressionaram-se contra seu estômago revoltado e, olhando para o chão, ela viu um besouro sair da grama, a centímetros de seu nariz.—Vou parar de bater quando você pedir desculpas, não antes—ele avisou. Ergueu o braço, e ela imaginou, aterrorizada, quanta proteção lhe ofereceria as saias do traje de montaria, então teve a resposta, quando o chicote sibilou no ar, desceu sobre as camadas de tecido e atingiu sua carne tenra. Clayton fez uma pausa, esperando que ela se desculpasse. Whitney cerrou os dentes. Ele poderia bater-lhe até deixá-la inconsciente, que ela não pediria desculpas. Nunca! O braço dele subiu, o chicote desceu sobre as nádegas dela. Outra pausa... Os golpes sucederam-se. Através de ondas de dor aguda, Whitney contava: três, quatro, cinco. A essa altura, estava soluçando e, na sexta vez em que o chicote atingiu-a, estremeceu, deixando escapar um grito. Clayton esperou.—Pare!—ela gritou, então amaldiçoou-se pela fraqueza, pois notou que ele atirara o chicote para o lado. Segurando-a pelos ombros, Clayton virou-a, sentando-a no colo. Whitney tentou escapar, mas ele abraçou-a, prendendo-lhe o rosto contra o peito. Lágrimas, mais de fúria impotente do que de dor, corriam pelo rosto dela, molhando a camisa que ele vestia. Como se consolasse uma criança, Clayton afagou-lhe os cabelos. Passaram-se vários minutos, até que ela se acalmasse. Então, ele ergueu-lhe o rosto,

forçando-a a encará-lo.—Odeio você!—Whitney murmurou, fitando-o através de lágrimas provocadas pela enorme raiva que sentia.—Eu sei—ele replicou mansamente. Ela notou que não havia triunfo nem satisfação nos olhos dele, de modo que não havia nada para atizar sua ira. Confusa, desviou o olhar, enxugando as faces com a mão.—Olhe para mim—ele ordenou em tom gentil.—Não! Se olhar, sou capaz de arrancar seus olhos com as unhas!—Você está com mais raiva de si mesma do que de mim—ele comentou. (MCNAUGHT, 1999, p. 135-136).

Nesta cena, Clayton Westmoreland aplica uma surra em Whitney como castigo por ela ter feito ele montar em um garanhão não domado. Cavalgar em Cruzamento Perigoso reafirma sua masculinidade, não ser derrotado pelo animal mesmo com a possibilidade de quebrar o pescoço, evidencia seu poder. Como aponta Almeida (1996) em sua pesquisa: “Um cavaleiro nunca é tão apreciado em uma tourada, pelos meus informantes, como forçados (os que toureiam em pé, pegando o touro pelos cornos), sendo assim Clayton jamais poderia provar-se “homem” temendo um cavalo chucro. Após domar o cavalo, tomado pela ira, e desconcertado pela atitude de Whitney, ele decide que deve inflingir um castigo à moça.

“É óbvio que a sociedade considera normal e natural que homens maltratem suas mulheres, assim como que pais e mães maltratem seus filhos, ratificando, deste modo, a pedagogia da violência (SAFFIOTI, 1997a)”, como aponta a Saffioti, Clayton acredita que pode corrigir Whitney, e lhe dá a opção de se entender com ele, ou com seu pai, ela acreditando que a humilhação maior seria ser disciplinada pelo pai, se submete. Logo essa “pedagogia da violência” atravessa os tempos, e se prova mecanismo de sujeição usado também nos dias de hoje, a violência enquanto mecanismo de inferiorização do outro, no caso a mulher, é naturalizada socialmente.

A percepção do que é agressão para mulher, uma vez que cada uma percebe a violência de uma forma, é diferente, o limite, o limiar entre o que é agressão e o que não é, não é percebido da mesma maneira. No comentário a seguir trazemos uma curtidora- Luiza- que elenca os pontos negativos do livro em sua opinião, e como para ela as atitudes de Clayton relacionadas a Whitney foram abusivas e violentas.


 Eu odeio ele..meu pior mocinho de todos os livros que já li até hoje, foram em quatro situações que me fizeram odia-lo : 1- Ele comprou Whitney, e não adianta dizer que no passado era assim que se fazia, pois a forma que ele fez foi suja, ele se aproveitou que o pai dela estava endividado e fez aquilo. 2- Ele era obsessivo com ela, na parte da corrida que ele bate nela..vai se catar né? 3- O estupro foi horrível, nem correr atrás dela e implorar que perdoasse ele fez e por fim o que pra mim foi a pior parte de todas...quando ela estava grávida, que ele acha aquele bilhete (bobo), ele achar que o filho não é dele, tratou ela como uma vagabunda, como um cachorro..me desculpe mas essa pra mim foi a pior parte, não perdo e pronto..e nem adianta querer me convencer... A Whitney errou , errou sim..foi teimosa, mas ela amava outro..ela nunca quis o Clayton e quando ela se entrega a esse amor, ele faz aquelas coisas? Gente eu amo a Judith, amo mesmo, mas esse livro não dá..um outro exemplo Agora e SEmpre também foi horrível a primeira vez deles, O Jason foi um horror, mas ele soube se desculpar e foi lindo como ele conquistou ela devolta. Enfim amores, não quero briga, mas essa é minha

Figura 3: Comentário no Post 1  
 Fonte: Página Paixão Por Letras

Para Whitney na sociedade inglesa da época , ela mereceu ser punida, e não encarou a surra como uma violência de fato.

[...] Com efeito, paira sobre a cabeça de todas as mulheres a ameaça de agressões masculinas, funcionando isto como mecanismo de sujeição aos homens, inscrito nas relações de gênero. Embora se trate de mecanismo de ordem social, cada mulher o interpretará singularmente. (SAFFIOTI, 2004).

Sendo assim, ainda que Whitney tenha apanhado, e ela ao mesmo tempo se revolve com a agressão, ela se sujeita, pois prefere que o algoz não seja seu pai. E ainda em uma fala afirma : “ De qualquer maneira, reconheço que foi um ato infantil, irresponsável e perigoso, pelo qual mereci ser punida como criança.”(MCNAUGHT, 1999, p. 136), fragilizada pela agressão, ela se submete a ele, e assume a culpa pela surra. Quantas mulheres assumem a culpa pela agressão, por não enxergarem realmente como uma violência certas atitudes?

Desta forma a mocinha é agredida duplamente, física e psicologicamente, pois ela acredita que mereceu ser punida, legitimando o poder de seu agressor. Tal discussão fomenta

o questionamento sobre como podemos desconstruir essa percepção, e como tais mecanismos são construídos e naturalizados. Saffioti (2004) evidencia: “Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente.”, e será constantemente acionada pelo agressor.

Errar, ser castigada, sentir remorso e por fim ser perdoada era uma seqüência de fatos que Whitney não conhecera na infância. Todas as vezes em que pedira desculpas ao pai, ele apenas deslanchara numa nova tirada de repreensões, sem mostrar que a perdoara, e ela esperara que Clayton agisse do mesmo modo. Olhou-o, incapaz de acreditar no que via e sentia. Os olhos cinzentos estavam repletos de calor, e ele sorria com genuína compreensão. De súbito, ela teve a sensação de que os dois eram amigos íntimos, com um vínculo especial a uni-los. Perplexa, notou que isso varria todos os sentimentos negativos para longe.—Lamento profundamente o que fiz e...—Chega—Clayton interrompeu-a suavemente.—Já está tudo esquecido. Whitney soube, quando o viu inclinar a cabeça, que ele ia beijá-la, mas, em vez de esquivar-se, ofereceu a boca, de certa forma esperando ter uma prova de seu perdão. Os lábios dele roçaram os dela numa longa carícia terna, que nada exigia. (MCNAUGHT, 1999, p. 137).

Após a surra, ela se oferece a ele, percebendo que ele em algum ponto diferia de seu pai. Stone para Whitney, era mais rude, e não percebia que suas atitudes eram para chamar à atenção. Clayton parte para o ataque sensorial, se tratando de uma dama da sociedade e virgem, Whitney muito desconhece sobre as artes da sedução, e diante de um libertino experiente mais uma vez se submete, acreditando ter estabelecido com ele uma relação mais íntima. O Duque a seduz em várias outras cenas do livro, permeando sempre a sua condição de homem, pretendente e amigo do pai dela, para obter avanços sexuais significativos com Whitney.

Por conta desta relação de ódio-amor, ela acaba por aceitar sua corte, depois de descobrir que foi “vendida”<sup>12</sup> pelo pai à um Duque, em saber da fragilidade de caráter de Paul, Whitney passa a acreditar que o melhor para ela é ficar com Clayton. E é a partir disto, que chegamos na segunda cena polêmica de *Whitney, meu amor* : a cena do estupro. Classifico desta forma, uma vez que a própria autora através de um dos seus personagens assume que foi um estupro, e segundo a letra da lei<sup>13</sup> brasileira, se o que foi descrito por MCNAUGHT estivesse acontecendo na realidade, também seria definido assim.

<sup>12</sup> Termo usado e assumido pela própria Whitney. (MCNAUGHT, 1999, p. 206).

<sup>13</sup> **Art. 213.** Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso: (Redação dada pela Lei nº 12.015, de 2009).

Para analisar tal cena precisamos cortá-la, pois é uma cena que se estende em sete páginas, com sucessivos insultos, abusos que culminam no ato em si. Trazemos então, o fragmento que descreve quando Clayton Westmoreland em sua cama ancestral força Whitney a ter relações sexuais com ele.

Beijando-a no pescoço, continuou com a carícia íntima, aumentando o desejo que a fazia gemer, e ela, indefesa sob a força do prazer que experimentava, começou a sentir pânico. Havia algo errado no modo como Clayton agia. Para um homem levado pelo amor e o sentimento de posse, ele a beijava sem o costumeiro ardor, acariciava-a sem ternura e até mesmo sem a urgência causada pela paixão.—Gosta disso, não é?—ele comentou, quando aprofundou o toque em sua parte íntima, e ela gemeu alto.—Mas não vou dar-lhe esse prazer por mais tempo. Erguendo o corpo, ajeitou-se entre as coxas dela e, segurando-a pelos quadris, investiu, entrando com força e completamente pela estreita passagem virginal. Dor lancinante percorreu-a, e Whitney gritou, cobrindo o rosto com as mãos, enquanto Clayton soltava uma exclamação horrorizada. Ele recuou, e ela retraiu-se, esperando pela dor horrível que experimentaria quando ele a penetrasse novamente. Mas Clayton não se moveu. Whitney tirou as mãos do rosto e, através de uma névoa de lágrimas, viu que Clayton, ainda em cima dela, estava de olhos fechados, a cabeça inclinada para trás, o rosto uma máscara de angústia. Incapaz de conter-se por mais tempo, ela começou a chorar, soluçando. Tinha necessidade de ser consolada e, de modo incompreensível, procurou conforto em seu próprio torturador. Com um grito trêmulo, abraçou Clayton pelos ombros e puxou-o para baixo, de encontro ao corpo. Com infinita gentileza, ele deslizou para o lado e abraçou-a. Escondendo o rosto em seu peito, ela chorou convulsivamente por longo tempo. Clayton manteve-a nos braços, afagando-lhe os cabelos revoltos, enquanto se punia, ouvindo seus soluços abafados, deixando que as lágrimas copiosas que ela derramava molhassem seu peito.—Eu disse a Paul... que não me casaria com ele— Whitney disse com voz entrecortada.—O que falaram na vila não foi por culpa minha.—Não foi isso, minha pequena—Clayton murmurou, a voz rouca de emoção.—Eu nunca teria feito o que fiz com você, por causa disso.—Então, por que fez? Ele deixou escapar um suspiro exasperado.—Pensei que você houvesse se deitado com ele... e com outros. (MCNAUGHT,1999, p. 336-337).

Imbuído da crença de que Whitney já havia mantido relações sexuais com outros homens ele decide que também tem direito a seu corpo, uma vez que é seu noivo, que a comprou, como cita algumas vezes no livro, e assim a leva para a sua residência ancestral e tem relações sem consentimento com ela. Saffioti aponta:

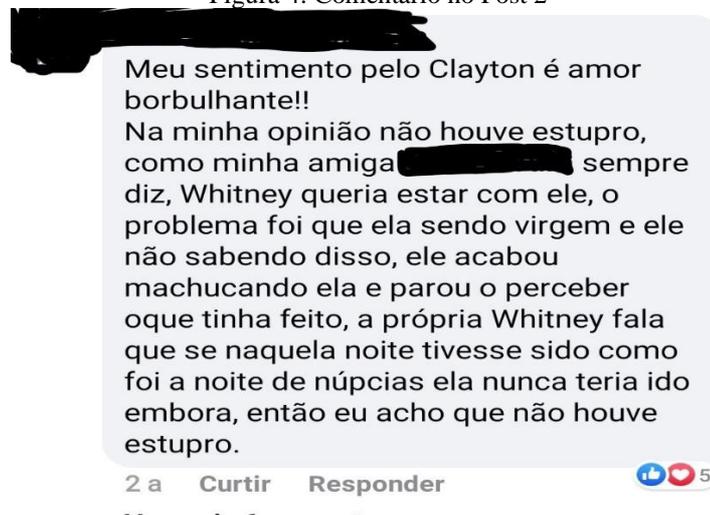
O caso extremo do uso do poder nas relações homem-mulher pode ser caracterizado pelo estupro. Contrariando a vontade da mulher, o homem mantém com ela relações sexuais, provando, assim, sua capacidade de submeter a outra parte, ou seja, aquela que, segundo a ideologia dominante, não tem direito de desejar, não tem direito de escolha. (SAFFIOTI, 1987, p. 18.).

A grande questão entre as leitoras deste livro- englobando todas as publicações 1999, 2014, 2018 - é definir se de fato houve ou não o estupro, se o Duque é na verdade um vilão. As leitoras entram em debates para discutir sobre a passagem do livro. O ato nos dias de hoje, com as leis, as discussões e embates sobre o tema é enfático: sem consenso é abuso, sendo assim se configuraria estupro. Nas palavras da própria autora, dando voz ao personagem Sthephan Westmoreland tam bém foi estupro: “O mais incrível de tudo era o irmão ter sido levado a cometer uma violência imperdoável como um estupro. Por que fizera aquilo? Só porque a jovem rejeitara seu pedido de casamento? Por ciúme? Impossível! No entanto, Clayton estava se destruindo dominado pelo remorso”.(MCNAUGHT,1999,p. 350)

A grande questão é: Por que alguns leitoras mesmo diante dos fatos, e em pleno século XXI ainda podem definir uma relação sexual sem consentimento, com outro nome que não seja estupro? “Por dever conjugal entende-se a obrigação de a mulher prestar serviços sexuais ao companheiro quando por ele solicitada. Percebe-se, com muita facilidade, a posição de objeto de desejo masculino ocupada pela mulher. (SAFFIOTI, 1987, p. 19)” Como define Saffioti, a questão repousa sobre o que é o “dever da mulher”, de acordo com os trâmitres sociais. Se ter acesso à seu corpo- o corpo da mulher- ,é um direito do marido, este,imbuído de seu “direito” o acessa quando lhe aprouver, e assim é encucada na mente das mulheres, e naturaliza-se o que é social, mais uma vez. Desta forma, quando solicitada Whitney se submete a Clayton

Abaixo um depoimento extraído do post da Página Paixão por Letras, do Debate “Clayton Amado ou Odiado, fundamente”:

Figura 4: Comentário no Post 2



Fonte: Página Paixão por Letras

Neste comentário percebemos como a leitora Roberta<sup>14</sup> não identifica o ato do “mocinho” como uma violência, mas sim como um ato baseado na falta de informações, e ainda levanta o argumento de que se ele tivesse consciência da virgindade dela, não o faria. Por tanto, ele está absolvido, uma vez que não detinha as informações, que para ela, eram cruciais. A fala de Roberta, trazida acima comprova como as estruturas sociais operam em nossa percepção, e é muitas vezes turvada por tais condições. Assim como Chartier (2004) em sua *História Cultural*, evidencia a importância da literatura e suas criações de mundo, onde induzem aos homens a refletirem sobre esses mundos.

“(…) Não obstante os consideráveis avanços conquistados pelos movimentos feministas, ainda vivemos sob o manto do patriarcado, que insiste em manter as mulheres em posições submissas e vulneráveis, expostas a toda a sorte de violência” (ROMFELD, 2015, p.220). Romfeld em seu artigo que discute o patriarcado e a violência no Brasil, evidencia como estes opera, de tal forma que não percebemos o ato enquanto violência, e a partir da não percepção, legitimamos o agressor.

“Lembrar os traços que a dominação imprime perduravelmente nos corpos e os efeitos que ela exerce através deles não significa dar armas a essa maneira, particularmente viciosa, de ratificar a dominação e que consiste em atribuir às mulheres a responsabilidade de sua própria opressão, sugerindo, como já se fez algumas vezes, que elas escolhem adotar práticas submissas (“as mulheres são seus piores inimigos”) ou mesmo que elas gostam dessa dominação, que elas “se deleitam” com os tratamentos que lhes são infligidos, devido a uma espécie de masoquismo constitutivo de sua natureza. Pelo contrário, é preciso assinalar não só que as tendências à “submissão”, dadas por vezes como pretexto para “culpar a vítima”, são resultantes das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que elas desencadeiam e que contribuem para sua reprodução.” (BOURDIEU, 2011, p. 52)

Como aponta Bourdieu, a vítima não é culpada, seu “estado de submissão” é estrutural, tais estruturas objetivas atuam enquanto mecanismos de reprodução de padrões, e tais estruturas servem a um jogo de poder, e ele é benéfico para a manutenção do controle sobre os corpos sociais.

O estupro da mocinha – definição baseada no que diz a lei- gera e fomenta discussões a cerca da recepção da leitura, de como as leitoras lêem e percebem as cenas descritas por McNaught. E é a partir desta inquietação, que trazemos a discussão deste e dos outros aspectos pertinentes do livro através da óptica das leitoras no próximo capítulo.

---

<sup>14</sup> Nomes fictícios escolhidos para melhor promover o entendimento.

### 3. PERFIL DAS LEITORAS PESQUISADAS

Usando como base de nossa pesquisa um formulário, afixado em um post da página convocando quem já havia lido a obra, e que foi respondido do dia 24/10/2019 a 28/10/2019, traçamos o perfil das leitoras e apresentaremos a seguir o que foi coletado. Obtivemos 24 respostas ao formulário, todas de mulheres, entre 22 e 70 anos, das regiões: Sudeste- 14 , sul – 5, centro-oeste – 1, e nordeste -2, não tendo registro de leitoras da região norte na pesquisa.

Perguntadas sobre estado civil obtivemos os seguintes resultados: 53,5 % de casadas, 17,4% sendo solteiras, 13% de divorciadas, e mais 13% em um relacionamento estável. O nível de escolaridade gerou as seguintes respostas : 47,8 % - 11 possuem o Ensino Superior completo; 30,4% -7 possuem o Segundo Grau completo; 17,4% - 4 Ensino superior incompleto; e 4,3- 1 das pesquisadas possui Pós Graduação.

Buscamos saber a relação das pesquisadas com a compra e consumo dos livros, perguntadas sobre a existência de livrarias em suas respectivas cidades estas responderam que em 83,6 % das cidades há livraria, e para 17,4% não há o acesso a livraria, desta forma o consumo dos livros fica em sua maioria por parte de sites de venda pela internet. Questionadas sobre a frequência com a qual compram livros, 78,3% das leitoras – (18) compram oito ou mais por ano, 8,7% - (2) responderam que compram de 4-7 livros, 4,3% - (1) responderam que compram mais de 30 livros – entre físicos e ebooks, e outros 4,3% -(1) não compra livros, pois lê os PDFs .

Em se tratando de gênero literário preferido em uma questão aberta, a maioria respondeu que sua preferência repousa nos romances, em uma variação entre romances

clássicos e de época<sup>15</sup>. As leitoras quando perguntadas sobre gastos/investimentos com livros, responderam que gastam em média de 50,00 reais a 3.500,00 com a compra de livros por ano. A média de leitura de livros das pesquisadas é a seguinte: 60,9 % - (14) delas leram mais de oito livros, algumas apontaram que leem entre 50 a 100 livros/ano. Todas afirmaram que se tivessem a possibilidade passariam mais tempo lendo, e uma das leitoras respondeu: “As atividades diárias reduzem consideravelmente o meu tempo de leitura.”, deixando evidente seu interesse pela ampliação das horas dedicadas à leitura, e ao número de livros lidos.

Devido a pesquisa tratar-se da análise dos livros nas diferentes versões que foi publicado aqui no Brasil, questionamos sobre a edição que as leitoras tiveram acesso de *Whitney, meu amor*, os resultados foram : 39,1 % -(9) – leram a edição de 2014 da Best Bolso; 30,4 % - (7) - leram a de 2018 da Bertrand Brasil; 21,7 %- (5)- leram a edição de 1999; 4,3% -(1)- leu as duas versões Best Bolso e Bertrand, respectivamente 2014 – 2018; e 4,3% -(1) -leu em ebook e não identificou a edição. Identificadas as edições lidas, perguntamos como chegaram ao do livro, se por indicação ou pela sinopse, 78,3 %- (18) - disseram ter tido acesso ao livro por meio de indicação, enquanto 21,7 % -( 5) – conheceram o livro e se interessaram pela sinopse.

Perguntadas sobre o formato do livro lido 60,9 % - (14) - leram em formato físico, enquanto 39,1 % -(9) - leram em formato de ebook. Com as questões da seção sociocultural mapeamos quais leitoras analisaremos, e percebendo assim, a quais classes sociais elas pertencem. Uma vez que apontaram que gastam de 50,00 a 3.500,00 reais em livros, a maioria delas possui ensino superior completo 47,8 %, o segundo grau completo representa 30,4 % assumimos que tais leitoras possuem capital cultural (Bourdieu, 2007) elevado, uma vez que possuem acúmulo de títulos e escolaridade.

### 3.1 Opiniões Das Leitoras (Posts E Formulário)

A *estética da recepção* tem como ponto importante o leitor, e portanto se faz necessário analisar como as leitoras de *Whitney* se posicionam diante da obra e das cenas polêmicas da versão 1999 e da ausência destes, nas outras versões. Para isso, traremos as opiniões das leitoras no formulário aplicado para fundamentar a pesquisa. Utilizaremos mais

---

<sup>15</sup> *Romances de época*: são romances que usam um determinado período histórico como pano de fundo(sic) mas focam, com veemência, no desenrolar do romance. Aqui o enfoque está nos costumes da época e em como isso influência e molda o romance. (Livros e Fuxicos, blog Literário).

uma vez o conceito da estética de Iser e Jauss, bem como traremos a interação autor- texto-leitor.

Uma vez sabido que o texto literário não é um reflexo da sociedade, com suas regras, normas e costumes, levando-se em consideração também a licença poética do autor, é importante salientar que *Whitney* apresenta questões importantes para discussões sob o prisma da crítica feminista. As cenas narradas por MCNAUGHT fomentam questionamentos importantes sobre a ótica do leitor. Como aponta Bellin em seu artigo: Podemos perceber o impacto da leitura do romance nos depoimentos das leitoras.

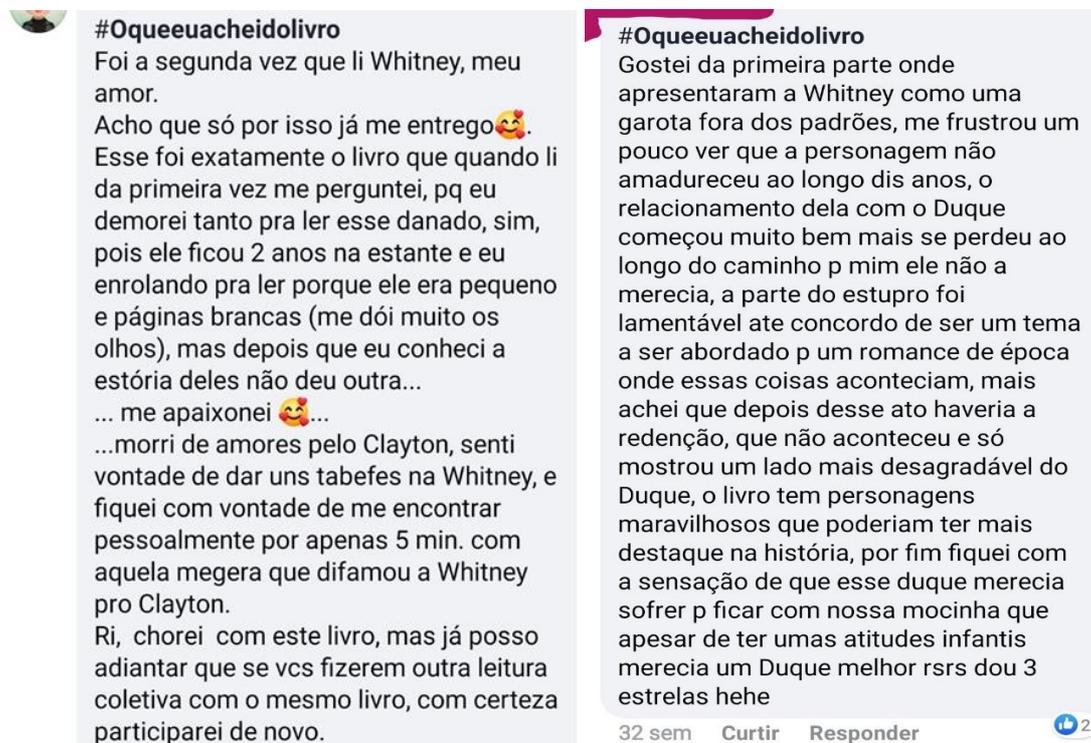
A leitura do livro deixa de ser uma atividade solitária, e passa a ser coletiva com os clubes de leitura, os blogs e as páginas do facebook. As opiniões e os gostos tornam-se domínio público e fonte de prestígio entre as leitoras. A autora e suas obras são tidas como polêmicas pelas leitoras em geral das páginas literárias que acessamos<sup>16</sup>, e tal *status* não foi construído sem fundamento. Com mocinhos polêmicos, mocinhas controversas, e cenas de violência, McNaught tanto atrai defensoras fervorosas, como aquelas que a odeiam com igual fervor.

Trazemos os depoimentos destas leitoras e sua relação com a obra, o enredo e a recepção. As recepções do livro são diferentes para cada leitora, vão desde a insatisfação diante da forma como Mcnaught escreve, a forma como desenvolve os personagens, e ao mesmo tempo há também aquelas que a indicam como uma escritora única, aflora em quem lê sentimentos diversos, transportando as leitoras ao mundo que descreve.

---

<sup>16</sup> Paixão por Letras, Livros e Citações, Meu Vício em Livros Blog, Livros e Fuxicos.

Figura 5: Depoimentos de leitoras



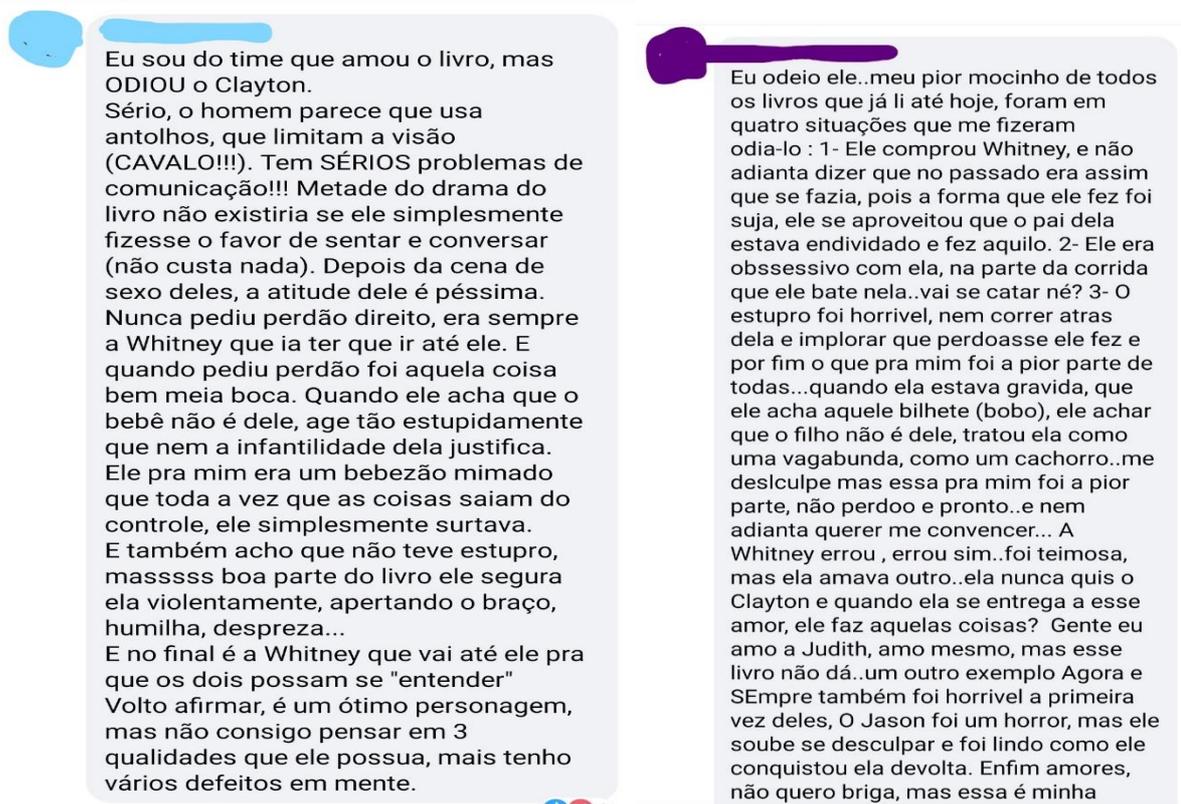
Fonte: Página Paixão por Letras

Pedidas para descrever tanto Whitney, quanto Clayton as leitoras- em sua maioria não pouparam elogios para o mocinho e reclamações sobre a mocinha. Sobre Whitney: “Inicialmente mimada, com temperamento forte, não gostava de ser desafiada ou questionada. Orgulhosa passou por situações terríveis(sic) por falta de dialogo.”(MARIA); É uma personagem carente, por vezes mimada, orgulhosa e teimosa.”(LILIAM); “No começo do livro Whitney é uma menina em busca de amor e aceitação que nunca recebeu do pai. Em sua imaturidade coloca sua devoção num rapaz que jamais corresponderia. Ao longo do livro ela não amadurece tanto e continua sua busca por aceitação. É uma jovem em busca do amor para preencher seu vazio.” (ROSÁRIO).

Os depoimentos a seguir são das leitoras do Clube de Leitura de *Whitney* expondo seus posicionamentos diante da obra. Em ambos podemos identificar uma percepção diferente a respeito da obra, e assim demonstrar o que Iser em sua estética aponta: “será a partir da perspectiva do público que uma determinada obra poderá ter seu significado concretizado”

(BRIZOTTO, 2012, p. 2), tais opiniões só evidenciam o quanto o livro é discutido e interpretado de formas diferentes.

Figura 6: Post Clayton Amado ou Odiado

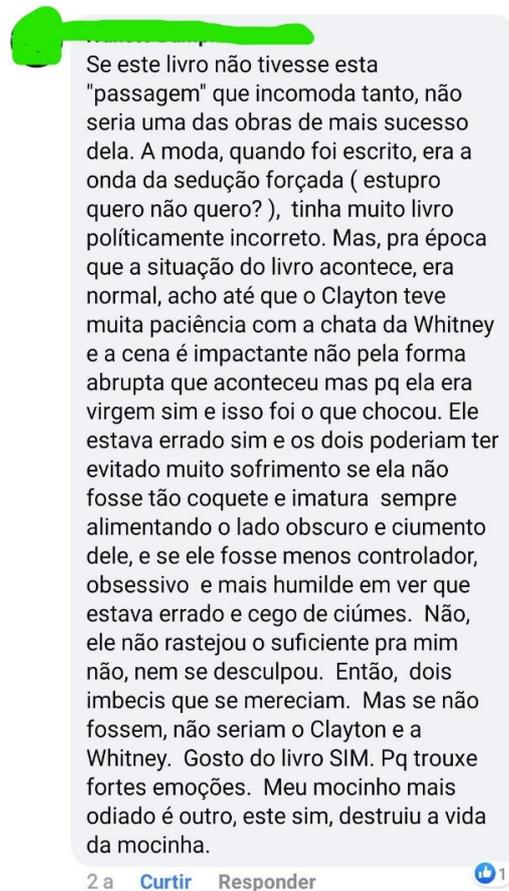


Fonte: Página Paixão Por Letras

Ambas as leitoras acima apontam Clayton como o principal causador das brigas e cenas violentas do livro, apontando a falta de comunicação dele como ponto crucial para as brigas entre os dois, porém uma ama o personagem, enquanto a outra odeia. “Sendo a emotividade vista como algo de feminino e a racionalidade como algo de masculino, as emoções e os sentimentos enfraquecem as chances das pessoas, e dos homens em particular, no jogo social.” (ALMEIDA, 1996, p. 181) como afirma Oliveira, os sentimentos são expressados pelas mulheres, desta forma ele aparece citada sempre como a instável, teimosa, e mimada, Clayton Westmoreland como o que corre atrás do que deseja o racional, elas evidenciam a violência dele, a forma como se porta sempre colocando seus desejos antes de tudo. Os estereótipos servem como aponta Saffioti como máscaras, onde os homens vestem a do “macho” e as mulheres a máscara das submissas. Sendo que aquelas que destoam desta

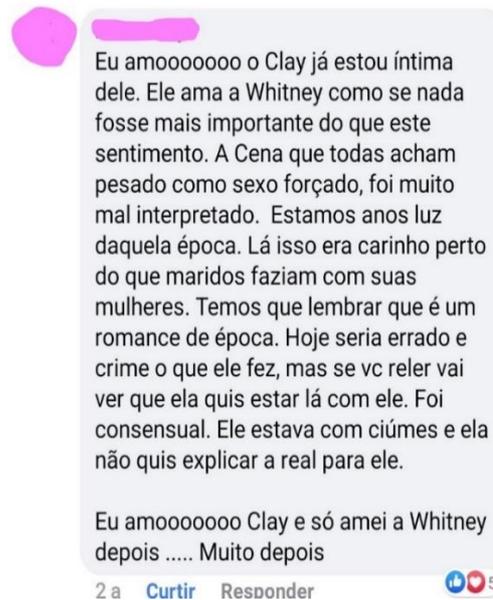
classificação podem ser colocadas à margem das relações consideradas normais, e mais uma vez rotuladas por isso (SAFFIOTI, 1987, p. 40).

Figura 7: Comentário no Post 3



Fonte: Página Paixão Por Letras

Figura 8: Comentário no Post 4



Fonte: Página Paixão Por Letras

A leitora do comentário da esquerda aponta que o mote de sucesso de *Whitney, meu amor* é justamente as cenas “incômodas” – de violência, dominação e abusos, evidenciando ainda que no contexto histórico no qual o livro é ambientado as violências eram naturalizadas, uma vez que haviam maridos que “disciplinavam” suas esposas de maneira mais severa, indicando que a mocinha incitava o mau comportamento de Clayton. Tais reflexões dizem respeito à imagem que se perpetua até hoje sobre a ideia da mulher como mercadoria, a mulher como produto e meio de troca, sendo o homem o detentor do poder de aplicar disciplina. “(...) Além de o patriarcado fomentar a guerra entre as mulheres, funciona como uma engrenagem quase automática, pois pode ser acionada por qualquer um, inclusive por mulheres.” (SAFFIOTI, 2014, p.101)

Ao serem perguntadas sobre a cena retirada/editada do livro de versão 1999, trazemos a opinião de Julia e Melissa: “Só li uma versão (sic) mas sei que existem diferenças entre a original da década de 80/90 e a da bestbolso. A autora foi massacrada pela cena de estupro na original que foi suavizada na edição posterior.” (JULIA); “1999, porque foi original e retratou de forma delicada a situação do casal e todo o arrependimento de Clayton pelo erro de julgamento com a Whitney, (sic) via claramente o seu desespero. 2018 foi omissivo no caso da relação deles e quem leu o anterior, sente que o livro não está completo, ficou um buraco.” (MELISSA). Ambas falam sobre a importância da cena de estupro e surra a qual Whitney é submetida por Clayton, e suas respectivas visões sobre as cenas, discutem a respeito do

impacto negativo da obra por conta das cenas de violência no meio editorial, e Melissa evidencia sua insatisfação pelo que ela acredita ser a castração da obra. Levantemos uma questão: qual o problema em colocar uma cena de violência em um livro de época? Os livros enquanto expressões artísticas devem deixar de retratar a violência? Para ambas as perguntas acredito ser um sonoro não, a grande questão acerca da obra, é a falta de problematização a respeito do mocinho, e a culpabilização da vítima.

Whitney é descrita pela autora e interpretada pelas leitoras como uma mulher volátil, fútil, impetuosa e mimada, enquanto as qualidades de Clayton são enaltecidas pela autora em sua descrição, e interpretadas pela maioria das leitoras da mesma forma. Sendo assim avoluma-se uma questão imprescindível: Como podemos problematizar a violência de gênero e deixar de naturalizá-la em diversos âmbitos? De que maneira podemos utilizar da literatura para dar conta de entender como os mecanismos sociais, as ideologias e as dinâmicas de poder operam de maneira tão azeitada que acabamos por não perceber sua sutil engrenagem? Trazemos à roda a crítica feminista para perceber como as representações sociais também operam na nossa forma de ler, na relação com o texto e com os personagens.

### **3.2 Como Se Constrói Uma Leitora? Crítica Feminista Sobre A Obra**

As leitoras de romance aqui pesquisadas se encaixam na definição da Estética da Recepção (ISER,1967), quando são partes ativas da construção de sentido do texto, elas não apenas lêem,são integrantes da relação autor- texto - leitor. Nesta construção, a leitura de *Whitney* não se resume apenas a passagem linear pelo texto escrito, e sim interpretação e ampliação da própria visão de mundo. As leitoras, e suas percepções sobre a obra, foram o ponto chave da análise.

Utilizando a definição de Chartier(1994,p189),“ o leitor *extensivo*(...)é um leitor totalmente outro: ele consome muitos e variados impressos; lê-los com rapidez e avidez, exerce em relação a eles uma atividade crítica que , agora, submete todas as esferas, sem exceção, à dúvida metódica.” Essas são nossas leitoras pesquisadas, que consomem vários livros – físicos e digitais- sobre os quais formulam opiniões, e os articulam, com suas próprias vivências.

O livro só se concretiza enquanto signo quando é lido, e a partir desta leitura o leitor se torna parte integrante da interação, partindo assim para a perspectiva da estética .“O leitor aparece como uma entidade real” (Alves,2017, p26). Trazemos abaixo a fala de uma das leitoras pesquisadas sobre os aspectos que ela percebe no livro, do que escreveu a autora, e

interpreta as lacunas, se posiciona diante disto. “O leitor ativo submetido à recepção experimenta a situação de estar em integração ao pensamento do outro, gerando informações positivas e negativas” (ALVES, 2017, p. 27).

A questão da violência contra a mulher e o estupro e a romantização(sic) do homem agressor, como alguém que faz tudo que faz por amor. São questões que estão neste livro de época, mas que são problemáticas atuais, apesar dos mecanismos sociais de proteção p”ara com as mulheres e conscientização acerca dos tipos de violência que as cercam”. (VANESSA, 2019, FORMULÁRIOS).

Como aponta Chartier(1994) citando R. Darnton, com a *revolução da leitura* surge a mais *intensiva* das leituras, a leitura de romances, que possuem a capacidade de envolver , prender, como os livros religiosos faziam anteriormente, sendo aí o ponto chave da escrita de McNaught como apontam as leitoras quando perguntadas sobre os elementos que mais gostaram na escrita: “o modo como ela nos envolve na historia(sic) , nos faz amar e ao mesmo tempo odiar os personagens” (MARIA); “A escrita da autora é maravilhosa. Ela é dinâmica, não há excesso de desrição(sic) e os personagens mesmo em suas falhas são fascinantes.”(ROSÁRIO). O romance se torna um *narcótico* (FITCHE apud Chartier, 2014), um vício, que prende as leitoras e permite a elas uma fuga da realidade : “ (...) pois considero estes uma fuga da realidade” (JULIA), como aponta Julia, um romance permite uma imersão em um mundo diferente do seu, onde os elementos desenvolvidos pelo autor (a) estabelece uma conexão com as leitoras, propiciando uma viagem ao mundo do enredo.

Não podemos pois abandonar a historicidade do leitor(a), uma vez que partimos da análise dos livros em anos diferentes que foram publicados, nos anos 80 o contexto histórico era diferente, haviam possibilidades distintas das dos anos 90, cada década tendo suas particularidades e adequações quanto as regras sociais, e expectativas do público. O livro que seria aceito e não questionado por seu conteúdo machista e violento, passa a ser questionado e sofre pressões sociais para ser mudado na década seguinte. Trilhando tal caminho sócio-histórico, podemos então supor que as mudanças das edições de *Whitney*, foram tanto pressões da mudança da mentalidade das leitoras – leitor fictício<sup>17</sup> ( ISER,1996)- quando as mudanças editoriais. E é perceptível nas leitoras pesquisadas o impacto dessas mudanças.

Trilhando o caminho das teorias da recepção e estética de Iser e Jauss, podemos perceber o uso do “leitor” no gênero masculino, deste modo, buscamos autores falando sobre

---

<sup>17</sup> O leitor fictício é o pensado pelo autor, é aquele quem o autor imagina que deve ler o seu texto e a maneira como ele deva ser recebido imageticamente( BORBA,2004, p.148)

as “leitoras” em específico, pois estas são o público alvo dos romances de McNaught, e se faz necessário para entender como se constituem as relações das leitoras , a leitura, e a própria autora.

Para Culler apud Brizotto (2012): “o conceito de uma mulher leitora leva à asserção de uma continuidade entre a experiência das mulheres nas estruturas sociais e familiares e suas experiências como leitoras.”, sendo assim teremos nestas mesmas leitoras a reprodução inadvertidamente das suas próprias estruturas sociais, não poderão em certa medida de abandonar de todo as noções e pré-noções das sociedades nas quais estão inseridas. Ao apontarem as características de Whitney, as nossas leitoras acabam por reproduzir algumas das críticas e características atribuídas às mulheres, ao feminino: “Garota bastante geniosa e mimada, personagem rasa.” (JUREMA); “Essa é uma das protagonistas que menos tive apego. Não gosto da postura mimada, achei que a autora poderia ter trabalhado um pouco melhor a personalidade dela. Muito temperamental.” (RAQUEL); “ Eu acho mimada, chata, superficial e teimosa.” (NAIROBI); a forma como as leitoras percebem a personagem, nos *vazios do texto* de Iser (ISER apud UNES, p. 761) onde a tarefa do leitor é preencher esses vazios com significados, nos faz questionar como as representações sociais e as ideologias, a dicotomia dos gêneros que está inscrito na esfera social, nos faz perceber algumas características e invisibilizar outras, a exemplo : razão- emoção, forte- fraco.

Isto posto, vemos que as leitoras enxergam a mocinha com os olhos do patriarcado, da divisão de gênero, onde as características femininas são bem marcadas, e completamente distantes da praticidade e racionalidade, definir mulheres como impetuosas, temperamentais, são falas clássicas da falocracia. Por isso, é importante as leitoras se manterem atentas e vigilantes em suas leituras, e esse exercício é dos mais árduos, uma vez que a sociedade e a literatura está impregnada, e é um produto do patriarcado. Não podendo incorrer em generalizações obviamente, mas se tratando deste livro em si, é nítido que as estruturas sociais impregnam a obra.

A interpretação, a forma como o texto é recebido, o que ISER chama de *interação entre o texto e o leitor*, se faz marcado pelas pré-noções, se dá através do aparato pré-existente e a recepção do livro, e do que nele está contido. Conseqüentemente, o ato da leitura, e a decodificação dos signos contidos no livro não são feitos de maneira simples, nem simplista. A interpretação dos códigos, a apreensão do texto, e seus usos, são pois um exercício.

É motivo de reflexão, por outro lado, o modo como se constroem os sentidos do texto: por mais que estes sejam advindos de múltiplos formadores, e indo mais adiante de uma interação estritamente de diálogo, os atos físicos de se praticar a

leitura assim como os de reagir à sua recepção são comportamentos que, juntos, efetivam caminhos de entendimento do texto, e esse entendimento requer tanto uma manipulação do objeto, quanto uma imaginação aplicada sobre ele. (TRAGINO,2013, p. 29).

Por isso as interpretações a respeito da leitura de *Whitney* são tão diferenciadas, algumas leitoras amam, outras odeiam, e ainda culpabilizam a mocinha pelos erros de Clayton, uma crítica feminista se faz necessária ao livro. Brizotto(2012) traz uma crítica feminista ao texto de Charlotte Brontë: “Uma interpretação nesse formato irá ler Jane Eyre com o olhar de que as mulheres não precisam obrigatoriamente se casar para ter uma vida feliz, podendo, por exemplo, trabalhar para se sustentar.” Como aponta o autor, imbuído de um olhar mais criterioso e atento à questão feminista, poderemos perceber a mocinha de uma outra forma, ela deixará de ser culpada, e assim surgirá uma nova interpretação: “Whitney Stone quando criança destoa-se (sic) das outras garotas, tendo uma personalidade forte e faz tudo que tem vontade. Já quando adulta apesar de continuar com tal personalidade ela tenta se encaixar nos padrões sociais, apesar de sua personalidade ainda sim ser marcante. No entanto, no decorrer da sua relação com Clayton, nota-se que ela fica mais frágil e submissa.” (VANESSA, 2019): “Whitney é uma ovelha (sic) cheia de personalidade e decidida, que acaba, por isso, chocando algumas pessoas por não seguir dos (sic) padrões da sociedade da época.” (EDINAIRA, 2019).

O depoimento destas leitoras mostra que a interpretação do texto literário se dá de diferentes modos para cada leitora, Vanessa, e Edinaira não percebem a mocinha da mesma forma que as outras. Brizotto citando Culler salienta que nem sempre as mulheres leram como mulheres, elas estavam impregnadas da visão masculina, patriarcal e androcêntrica, logo a interpretação seria turvada por tais visões, e o gênero e o sexo permeiam a leitura.

A crítica não é às mulheres, mas a forma como se constituem tais visões, e como o condicionamento traz distorções, e interpretações múltiplas. O interessante seria questionar o lugar de leitoras e de fazer leituras, transpondo, ou tentando - isto é um exercício-, “(...) questionar as suposições literárias e políticas na qual a sua leitura tem se baseado” (CULLER apud BRIZOTTO, 2012, p.09), questionar-se e refletir sobre com quais visões lemos os livros e interpretamos os personagens e enredos. “Alguém poderia perguntar: qual a diferença entre ler como homem e ler como mulher?” Brizotto levanta esta questão e usa Culler para respondê-la: propõe que ler como uma mulher seria evitar ler como um homem, tentando, pois, reconhecer as defesas específicas e deturpações das leituras dos homens e promover reparações (CULLER apud BRIZOTTO, 2012, p. 11).

Quando perguntadas sobre qual era a opinião das leitoras sobre Clayton Westmoreland selecionamos algumas respostas: “Um mocinho forte, decidido, arrogante e que sabe o que quer e não mede o esforços (sic) para ter o que deseja. Ele se prevalece acima de todos por ter um título de nobreza, e não mede consequências para alcançar seus objetivos. Apesar de tudo, eu achei bem construído e gosto muito de como a autora levou esse personagem desde o início ao fim.”(Raquel); “Um cara tudo de bom mas com um gênio podre.”(Beatriz); outra aponta: “Genio (sic) forte, decidido, foi atrás (sic) do que queria. Não gostava ser ser(sic) enfretado(sic), passou dos limites para ter o que queria, mas estava apaixonada. As vezes foi bruto e insensível(sic).” (MARIA), a percepção de Clayton é diferente da que eles tem de Whitney, ele é descrito como aquele que é bom ainda que possua um “gênio podre”, que vai atrás do que necessita independente das questões implicadas nos atos, e assim adquire o *status* de “sujeito de seu mundo”.

[...] uma mulher ler como uma mulher não significa repetir uma identidade ou experiência que é dada, mas assumir um papel que ela constrói com referência à sua identidade como mulher, que é também uma construção, de modo que a série pode continuar: uma mulher lendo como uma mulher lendo como uma mulher. A não-coincidência revela um intervalo, uma divisão interna à mulher ou a qualquer sujeito leitor e à “experiência” daquele sujeito. (CULLEN apud BRIZOTTO, 2012, p. 10-11).

Tendo, pois, percorrido este caminho sugerido por Cullen e a crítica feminista, a leitora passa a perceber elementos no texto, que antes lhe pareceram invisíveis, como cita em seu depoimento BRISSA: “Na época eu vivia uma relação nada parecida, mas ao mesmo tempo igual (sic) quando se trata de manipulação e controle. Quando eu comecei a perceber as similaridades eu passei a ver que a ficção não é tão diferente da realidade.”, perceber tais elementos na narrativa, e constantemente redirecionar o olhar, faz delas leitoras ativas e críticas, preenchendo os *vazios do texto* com suas percepções e significados. Cullen aponta o caminho para ler como uma mulher, mas ele também não deixa de enfatizar que uma vez que somos seres históricos, e nossa identidade está em constante construção, os elementos vistos e percebidos podem mudar com o passar do tempo, assim como acontece a Brissa. A leitura sendo uma atividade interpretativa é também construída, desta forma, não é estática assim como a percepção de leitura. Por tanto sendo um exercício ler criticamente, e se despindo das visões carregadas das ideologias de gênero e resquícios do patriarcado, fomenta uma experiência de leitura mais ampla e construtiva.

A crítica feminista aos textos literários em um primeiro momento está centrado nas formas como são representadas as mulheres nos livros, como por exemplo *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, Felski apud Bellin (2011,p.02) lembra que como não são o foco do enredo as mulheres se tornam a representação da sombra dos “mocinhos” e de seus feitos heróicos, sendo sempre uma “(..) reflexo da lua, brilhando na projeção da luz moral do homem”. Kate Millet em *Sexual Politics*, pesquisa sobre a representação feminina nos livros de diversos autores como D H Lawrence, Henry Miller, Norman Mailer e Jean Genet denuncia o machismo contido nestas representações da escrita de autores homens. McNaught em sua escrita traz resquícios das representações que são atribuídas socialmente para cada gênero, e perceber a leitura de cada personagem através desta ótica é analisar de que forma a recepção das leitoras também o reproduz.

A leitura de romances sentimentais acabou por gerar uma série de estereótipos em relação à leitura feminina, que concebiam a mulher leitora como um ser isolado do mundo exterior, que se deixava levar pelos enredos dos romances e que via na literatura uma forma de fugir da realidade. Por isso, a leitura feminina, assim como os romances direcionados para mulheres, não eram considerados “sérios” por uma longa tradição literária de autoria masculina, que os marginalizava pelo fato de tratarem de temas domésticos e amorosos. A primeira fase do feminismo questiona tais posturas ao preconizar que esses romances também deveriam ser levados a sério, assim como o papel da mulher leitora. Desta maneira, o movimento feminista inaugura uma leitura de resistência, que procura desconstruir os estereótipos relacionados à leitura feminina, pois a leitora feminista, ao contrário da mulher que lê uma obra de ficção sem criticar e analisar, nunca se perde nas páginas de um romance, sempre questionando a herança cultural e literária da qual é tributária. (BELLIN, 2011, p. 03).

A leitura de romances ainda é considerada “inferior” em relação a leitura científica, por exemplo, mas o número de mulheres leitoras e de escritoras no cenário da literatura mundial é expressivo. A literatura de banca como eram chamado os romances anteriormente, estão ganhando cada vez mais público espaço nas livrarias, eventos literários de romance acontecem todos os anos nas maiores livrarias do país: Mochilão da Record, Encontro Nacional de Romances de Época – Arqueiro, Chá de Época da Record, as leitoras consomem cada vez mais livros desta temática.

Uma autora de romances de época Best Seller do *The New York Times* deu uma entrevista a uma revista de circulação nacional explicando porque escreve sempre mocinhas à frente de seu tempo, e mocinhos diferentes. Com o título: “Julia Quinn: Não vejo apelo em

personagens que tratam a mulher como lixo”<sup>18</sup>, Quinn discorre os principais motivos para dar vida a “homens bons” como ela mesma os intitula. Segundo palavras da autora: “(...) existem livros com mocinhos que fazem o tipo “Bad Boy”. Não entendo o apelo de um personagem que trata a mulher como lixo.” (QUINN, Veja, 2019), autora que já vendeu segundo a Editora Arqueiro mais de 10 milhões de livros, com livros vendidos para 29 países, a preocupação por escrever mocinhos que respeitam as mulheres independente de se tratarem de homens do século XIX e XX é importante e um compromisso, salienta: Quero que o leitor goste tanto do personagem que queira ser amigo daquela pessoa.”

Tal posicionamento comprova que sua fórmula e sua preocupação são aprovadas pelas leitoras pelo mundo, no Brasil, entre as páginas, ig’s e blogs literários ela é unanimidade, todas gostam de seus personagens, com seus livros figurando sempre entre os mais vendidos em sua categoria na Amazon. Diante de todas as conquistas devido as tensões promovidas pela crítica feminista e os movimentos feministas, posicionamento de Julia Quinn é plausível. A preocupação com a recepção dos escritos é muito importante, uma vez que naturalizar os comportamentos abusivos, machistas e a violência pode demandar consequências severas para as mulheres de forma geral.

---

<sup>18</sup>Link da entrevista na íntegra:

<https://veja.abril.com.br/entretenimento/julia-quinn-nao-vejo-apelo-em-personagens-que-tratam-a-mulher-como-lixo/>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise a respeito da construção da masculinidade e feminilidade no romance *Whitney, meu amor* possibilita a percepção de como as estruturas atuam na naturalização do que é socialmente esperado de cada gênero. O gênero perpassa por todas as esferas sociais, e na literatura não seria diferente. Desta forma a pesquisa propicia um passeio pela tessitura do texto da autora, na fala das leitoras e uma ressignificação sobre a importância das representações contidas nos romances.

As mudanças sofridas pelas representações da masculinidade e feminilidade viabilizada através das tensões dos movimentos feministas e discussões a respeito do tema, nos permitiu perceber na pesquisa como as leitoras compreendem o que é esperado dos personagens, além de se enxergarem nos escritos da autora. A leitura e a interpretação do texto corrobora para uma interpretação acerca dos costumes, regras e valores sociais que regiam a sociedade do século XIX, contrastando com o que ainda é vigente e extremamente atual. Sustentamos a importância da interpretação do leitor como parte integrante da obra, e a partir disto levantamos: há uma leitura correta? Percebemos a partir disto que a bagagem cultural e histórica do leitor(a) o possibilita acessar significados que podem ser percebidos de diferentes maneiras entre os leitores.

Jauss em parceria com Iser na *estética da recepção*, problematiza que uma vez que o leitor(a) tem contato com o livro, nunca mais ele será o mesmo, as leitoras do romance enfatizam que a partir da leitura e da percepção das cenas narradas elas passam a refletir sobre seus posicionamentos e ações. A obra só passa a existir a partir da leitura, e o que o leitor(a) faz dele (ECO apud UNES, 2003, p. 761).

A experiência da leitura em grupo, com a disseminação dos grupos e páginas literários possibilita às leitoras de romance uma maior interação e contrastes de opiniões a respeito da obra e de seus personagens. Desta forma, os posts sobre o livro são um convite a se posicionar ante o que foi lido e as opiniões sobre os personagens da obra. As ideologias de gênero, os papéis sociais e as naturalizações da violência intra-gênero são pontos de partida para os embates sobre a leitura de Whitney.

A violência, a virilidade, o poder que são retratados na obra como características inerentes do Duque são pontos de reflexão a respeito de como as masculinidades são representadas e percebidas no âmbito social, ao Duque tudo é permitido, ele possui o aval

social para decidir e dominar seu mundo aristocrático. Ao mesmo tempo que desperta o interesse nas leitoras, a algumas causa repulsa, desta forma discutimos como o patriarcado molda nossos gostos e classifica os homens diante de características tóxicas que os tornam reféns da própria masculinidade.

A crítica feminista ao texto traz a preocupação sobre a leitura despida de moldes do patriarcado, em que nós leitoras podemos apreciar o livro e observar características que são atribuídas as personagens mulheres que estão convenientemente ligadas às dicotomias dos gêneros: forte – fraco; razão- emoção; poderoso- submisso, e assim por diante. A importância do exercício de leitura enquanto mulher- leitora-, impulsiona o olhar voltado para a amplitude da obra e de suas representações. Uma leitora que lê como uma mulher, perceberá quando as personagens são representadas como submissas, voláteis, loucas, características relacionadas ao feminino.

A literatura assim como outros campos de disputa, se torna um local de reificação da estrutura, então tendo em vista tal fato, é extremamente importante que as autoras e leitoras se preocupem em evidenciar e valorizar os papéis das personagens em seus livros e escritos. Como foi citado no corpo do trabalho pela escritora Julia Quinn já existem muitos mocinhos “bad boys” na literatura, e as mocinhas não devem ser tratadas feito lixo, o caminho até a igualdade de gêneros ainda será árduo, porém toda luta começa com os primeiros passos, passos esses dados pelos movimentos feministas. A chave aqui é a consciência, como apontou Marx anteriormente a consciência de classe, extrapolada para o gênero, fomentará a mudança das estruturas.

A percepção das leitoras acerca do personagem de Clayton Westmoreland se provou diferente, inicialmente acreditamos que a maioria das leitoras iriam endeusá-lo e não haveria muitas que apontassem suas características abusivas e machistas. Tal hipótese foi refutada quando 18 das mulheres que responderam o formulário evidenciaram suas posturas condenáveis, e outras mesmo se dizendo seduzidas e envolvidas por ele em alguns momentos no enredo, foram capazes de distinguir quando seu comportamento é excessivo, opressor e violento. Tendo em perspectiva tal resultado, podemos sim afirmar que a “leitura como uma mulher” está sendo feita, e as tensões e discussões sobre os temas de violência, relacionamentos abusivos, e papéis de gênero estão efetivamente dando resultados.

Para as próximas análises, as representações desses relacionamentos abusivos como o de Whitney e Clayton se fazem necessários em outros livros, como os considerados infanto-juvenis por exemplo, propiciando um debate rico a partir dos leitores jovens. A

problematização de temáticas como violência doméstica, relacionamentos abusivos, gênero, racismo, entre outros podem ser um terreno fértil para pesquisas a partir de livros.

## REFERÊNCIAS

ALEKSANDRA, Paola. **Romance Histórico Ou Romance De Época?** Livros e Fuxicos. Maio de 2016. Disponível em: <http://www.livrosefuxicos.com/2016/05/romance-historico-ou-romance-de-epoca.html> Acessado em: 02 de dezembro de 2019.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal.** In *Anuário Antropológico 95*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro p.161- 189,1996.

BADINTER, E. *XY: sobre a identidade masculina.* Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BELLIN, Greicy Pinto. **A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem.** Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 10ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz. 10ª ed. -Rio de Janeiro; Bertrand Brasil,2007.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.

BRISOTTO, Bruno. **Notas sobre estética da recepção e crítica feminista.** Cenários, Porto Alegre, v.02, nº6, 2º semestre 2012.

CAMBRIDG, Dicionário. **The Bau Mode.** Cambridge University Press. 2019. Disponível em: <https://www.google.com.br/amp/s/dictionary.cambridge.org/pt/amp/ingles/beau-monde> Acessado em: 02 de Dezembro de 2019.

CHARTIER, R. **O mundo como representação.** Estud. av., São Paulo , v. 5, n. 11, p. 173-191, Apr. 1991. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 12 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Do códice ao monitor: a trajetória do escrito.** Estud. av., São Paulo , v. 8, n. 21, p.185-199, 1994.Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000200012>.

CONNELL, R. W. **Masculinities.** 2. Ed.Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2015.

CONNELL, R. W; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito.** Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, janeiro\_abril – 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 10 julho 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Tradução, Pedro Süssekind; prefácio, Roger Chartier. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. **O processo Civilizador.** Tradução da versão inglesa, Ruy Jungmann; revisão, apresentação e notas, Renato Janine Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.2v.

\_\_\_\_\_. **A Peregrinação Watteau à ilha do Amor: seguido Seleção de textos sobre Watteau.** Tradução do alemão, Antonio Carlos Santos; seleção e tradução dos textos franceses, André Telles; Apresentação à edição brasileira, Hermann Korte. – Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2005.

FARIAS, Denis Alves. **O texto literário e a estética da recepção: um encontro entre os cânones e a paraliteratura.** RELVA, Unemat, v. 04, n. 02, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/2824> Acessado em: 12 agosto de 2019.

GRÜNNAGEL, Christian & WIESER, Doris. “**Nós somos todos machistas**”: **entrevistas com escritores/as brasileiros/ as.** *Estud. Lit. Bras. Contemp.*, Brasília, n. 45, p. 343-350, June 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182015000100343&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182015000100343&lng=en&nrm=iso). Acessado em : 14 julho. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/2316-40184524>

KEHL, Maria Rita. **A Construção da Feminilidade do Séc. XIX.** *In: Deslocamentos do Feminino.* Boitempo, 2 ed, Rio de Janeiro: 2014.

KIMMELL, Michel S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, p. 103-117, out.* 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71831998000200103&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71831998000200103&lng=en&nrm=iso). Acessado em : 14 julho 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>.

NADER, Maria Beatriz. **A condição Masculina na sociedade.** *Revista de História da UFES.* Dimensões, Espírito Santo, ed. 14, 2002, 461- 480. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/?journal=dimensoes&page=article&op=download&path%5B%5D=2638&path%5B%5D=2123> . Acessado em 22 de julho 2019.

NADER, M. B; CAMINOTI, J. M. **Gênero e poder: a construção da Masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica.** *Saberes e Práticas Científicas, ANPUH-RIO.* Acesso em: 01 de agosto de 2019.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **Discursos sobre a Masculinidade.** *Revista Estudos Feministas,* Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 91, jan. 1998. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12036>. Acesso em: 25 julho. 2019.

ROMFELD, V. S. **As raízes do patriarcado: contribuições teóricas sobre a violência contra as mulheres no Brasil.** *Captura Críptica: direito, política, atualidade.* Florianópolis, nº 4, v.2., jan./dez. 2015- p. 215-219.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. Coleção Polêmica. \_\_\_\_\_ . **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

\_\_\_\_\_. (1997<sup>a</sup>) **Equidade e paridade para obter igualdade**. O Social em Questão, nº 1, Revista do Programa de Mestrado em Serviço Social PUC- RIO, jan/jun., 1997, p. 63-70.

SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. **O modelo predominante de masculinidade em questão**. Revista de Políticas Públicas, vol. 14, núm. 01, enero-junio, 2010, pp 59-65. Universidade Federal do Maranhão.

SCOTT, Joan. *Gender: A useful category of historical analyses*. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. TEXTO ORIGINAL

STREY, Marlene Neves. **Gênero**. In: *Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TRAGINO, Arnon. *O leitor, a leitura, o livro e a literatura na estética da recepção e na história cultural*. Revista Mosaicum, nº 18, jul/dez. 2013, p. 24-34.

UNES, Wolney. **A Estética da Recepção – Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser**. Revista Estudos (Universidade Católica de Goiás), Goiânia, v.30, nº 4, p. 753- 766, 2003.

ZERZAN, John. **Patriarcado, civilização e as origens do gênero**. Revista Gênero & Direito v. 1, n. 2, em 2011, tradução Loreley Garcia.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE A OBRA "WHITNEY, MEU AMOR"<sup>19</sup>

Questionário de Pesquisa sobre a obra "Whitney, meu amor"

Olá, este formulário visa obter dados sobre a percepção das leitoras do livro “Whitney, meu amor” da escritora Internacional Judith McNaught, para a construção do último capítulo da monografia da estudante Juliet Cerqueira Saraiva Luft do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Suas respostas são anônimas e tratadas com sigilo absoluto, não havendo certo ou errado. Buscamos a percepção de sua leitura acerca da obra. Desde já agradeço a sua disponibilidade em responder.

Deixo meu email para caso de surgirem possíveis dúvidas: [jucsluft@gmail.com](mailto:jucsluft@gmail.com).

\*RESPONDENDO as questões, você estará concordando com o uso dos dados coletados em minha pesquisa. Mais uma vez obrigada.

\*Obrigatório

**1. Idade: \***

**2. Cidade: \***

**3. Estado: \***

**4. Ocupação( estudante, professora, estagiária, etc): \***

**5. Estado Civil: \***

Marcar apenas uma oval.

Solteira

Casada

Separada

Relacionamento estável

Viúva

Divorciada

**6. Escolaridade: \***

Marcar apenas uma oval.

Ensino Fundamental Completo

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Médio Completo

Superior Completo

Superior Incompleto

Outro:

Questões Sócio culturais

---

<sup>19</sup> Link para o preenchimento do questionário no google forms:

[https://docs.google.com/forms/d/1p0MdmFXU9LUdfdbpsU7AObuR\\_z73-hApd8fpE2bmU6k/edit?ts=5de5a4c67/7](https://docs.google.com/forms/d/1p0MdmFXU9LUdfdbpsU7AObuR_z73-hApd8fpE2bmU6k/edit?ts=5de5a4c67/7)

**7. Se a resposta anterior foi afirmativa ensino superior completo, informe a Instituição e Curso da Graduação.**

Visamos entender seus hábitos relacionados à leitura.

**8. Na sua cidade tem livraria? \***

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

**9. Costuma comprar livros com qual frequência em um ano ?**

Marcar apenas uma oval.

1-3

4-7

8 ou mais

Outro:

**10. Qual o seu gênero literário preferido? Justifique \***

**11. Já fez compras de livros em lojas virtuais?**

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

**12. Qual o seu investimento médio em livros por ano? \***

**13. Quantos livros lê em média por ano? \***

Marcar apenas uma oval.

1-3

4-7

8 ou mais.

Outro:

**14. Você dedicaria mais tempo à leitura de livros se pudesse? \***

" Whitney, meu amor"

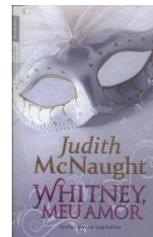
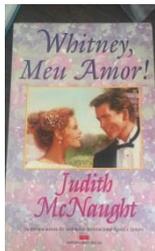
Refletindo sobre a leitura da obra.

**15. Qual a versão de "Whitney, meu amor" você leu? \***

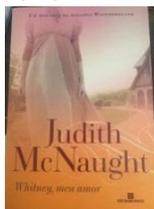
Marcar apenas uma oval.

Edição de 1999 – Best Seller

Edição 2014- Best Bolso



Edição 2018 - Bertrand Brasil



Outro:

**16. Como teve acesso à obra? \***

Marcar apenas uma oval.

Sinopse

Indicação

**17. Você geralmente lê um livro por indicação, ou pela sinopse? \***

**18. Teve acesso a sinopse de "Whitney, meu amor?" \***

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Outro:

**19. Qual o formato do livro lido? \***

Marcar apenas uma oval.

Livro físico

E-book

**20. Em quais momentos realizou a leitura? ( à noite, intervalos de aulas, entre atividades diárias,etc) \***

**21. Em quanto tempo terminou a leitura do livro? \***

**22. Descreva Whitney Stone em um parágrafo. \***

**23. Descreva Clayton Westmoreland em um parágrafo. \***

**24. Quais foram os personagens que mais lhe agradaram na obra? Justifique \***

**25. Quais foram os personagens que você menos gostou? Justifique \***

**26. Cite três momentos que você amou da obra. Justifique \***

**27. Cite três momentos que não gostou. Justifique \***

**28. O final do livro foi satisfatório? Há algo que mudaria? \***

**29. Qual o melhor personagem criado pela autora na obra, e qual o pior? Justifique para ambos. \***

**30. Alguma atitude ou posicionamento de um dos personagens lhe desagradou em algum momento do livro? Justifique. \***

**31. Caso tenha lido as duas versões - 1999 e 2018- do livro, qual a sua preferida? Por quê?**

**32. Você percebe semelhanças da escrita da autora com outras que já teve contato ? Se sim, quais? \***

**33. Quais os elementos do livro usados pela autora que você mais gostou? \***

**34. Você costuma indicar a leitura de "Whitney, meu amor" para outras pessoas? \***

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

**35. Em caso de resposta afirmativa para a questão anterior, por quais motivos o recomenda?**

**36. Você já participou de discussões acirradas com outras leitoras por conta deste livro? \***

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Outro:

03/12/2019 Questionário de Pesquisa sobre a obra "Whitney, meu amor"

### Questionário de Pesquisa sobre a obra "Whitney, meu amor"

Oá, este formulário visa obter dados sobre a percepção das leitoras do livro "Whitney, meu amor" da escritora Internacional Justin McNaught, para a construção do último capítulo da monografia da estudante Jureli Cerqueira Saravia Luft do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Suas respostas são anônimas e tratadas com sigilo absoluto, não havendo certo ou errado. Buscamos a percepção de sua leitura acerca da obra. Desde já agradeço a sua disponibilidade em responder.

Deixo meu email para caso de surgirem possíveis dúvidas: [luciu@igal.com](mailto:luciu@igal.com).

\*RESPONDENDO as questões, você estará concordando com o uso dos dados coletados em minha pesquisa. Mais uma vez obrigada.

**\*Obrigatório**

1. **Idade:** \*

\_\_\_\_\_

2. **Cidade:** \*

\_\_\_\_\_

3. **Estado:** \*

\_\_\_\_\_

4. **Ocupação/estudante, professora, estagiária, etc):** \*

\_\_\_\_\_

5. **Estado Civil:** \*

Marcar apenas uma oval.

Solteira  
 Casada  
 Separada  
 Relacionamento estável  
 Viúva  
 Divorciada

[https://docs.google.com/forms/d/1p0M6nF7XU8L8t8p4U7AC0BjU\\_73-H4p8t8E2mUSk4d17e504e4d](https://docs.google.com/forms/d/1p0M6nF7XU8L8t8p4U7AC0BjU_73-H4p8t8E2mUSk4d17e504e4d) 1/7

03/12/2019 Questionário de Pesquisa sobre a obra "Whitney, meu amor"

13. **Quanto livros lê em média por ano?** \*

Marcar apenas uma oval.

1-3  
 4-7  
 8 ou mais.  
 Outro: \_\_\_\_\_

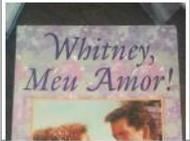
14. **Você dedica mais tempo à leitura de livros de ficção?** \*

\_\_\_\_\_

**"Whitney, meu amor"**  
 Referindo-se à leitura da obra.

15. **Qual a versão de "Whitney, meu amor" você leu?** \*

Marcar apenas uma oval.



Edição de 1999 - BestSeller



Edição 2014 - Best Bolo



Edição 2018 - Bertrand Brasil

Outro: \_\_\_\_\_

16. **Como teve acesso a obra?** \*

Marcar apenas uma oval.

Sinopse  
 indicação

[https://docs.google.com/forms/d/1p0M6nF7XU8L8t8p4U7AC0BjU\\_73-H4p8t8E2mUSk4d17e504e4d](https://docs.google.com/forms/d/1p0M6nF7XU8L8t8p4U7AC0BjU_73-H4p8t8E2mUSk4d17e504e4d) 3/7

03/12/2019 Questionário de Pesquisa sobre a obra "Whitney, meu amor"

6. **E escolaridade:** \*

Marcar apenas uma oval.

Ensino Fundamental Completo  
 Ensino Fundamental Incompleto  
 Ensino Médio Completo  
 Superior Completo  
 Superior Incompleto  
 Outro: \_\_\_\_\_

7. **Se a resposta anterior foi afirmativa ensino superior completo, informe a instituição e Curso de graduação.**

\_\_\_\_\_

### Questões Sócio culturais

Vamos entender seus hábitos relacionados à leitura.

8. **Na sua cidade tem livraria?** \*

Marcar apenas uma oval.

Sim  
 Não

9. **Costuma comprar livros com qual frequência em um ano?**

Marcar apenas uma oval.

1-3  
 4-7  
 8 ou mais  
 Outro: \_\_\_\_\_

10. **Qual o seu gênero literário preferido? Justifique \***

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

11. **Já fez compras de livros em lojas virtuais?**

Marcar apenas uma oval.

Sim  
 Não

12. **Qual o seu investimento médio em livros por ano?**

\_\_\_\_\_

[https://docs.google.com/forms/d/1p0M6nF7XU8L8t8p4U7AC0BjU\\_73-H4p8t8E2mUSk4d17e504e4d](https://docs.google.com/forms/d/1p0M6nF7XU8L8t8p4U7AC0BjU_73-H4p8t8E2mUSk4d17e504e4d) 2/7

03/12/2019 Questionário de Pesquisa sobre a obra "Whitney, meu amor"

17. **Você geralmente lê um livro por indicação, ou pela sinopse?** \*

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

18. **Tem acesso a sinopse de "Whitney, meu amor"?** \*

Marcar apenas uma oval.

Sim  
 Não  
 Outro: \_\_\_\_\_

19. **Qual o formato do livro lido?** \*

Marcar apenas uma oval.

Livro físico  
 E-book

20. **Em quais momentos realizou a leitura? (a noite, intervalos de aulas, entre atividades diárias, etc) \***

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

21. **Em quanto tempo terminou a leitura do livro?**

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

22. **Decoreza Whitney Stone em um parágrafo. \***

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

23. **Decoreza Clayton Westmoreland em um parágrafo. \***

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

[https://docs.google.com/forms/d/1p0M6nF7XU8L8t8p4U7AC0BjU\\_73-H4p8t8E2mUSk4d17e504e4d](https://docs.google.com/forms/d/1p0M6nF7XU8L8t8p4U7AC0BjU_73-H4p8t8E2mUSk4d17e504e4d) 4/7

03/12/2019 Questionário de Pesquisa sobre a obra "Whitney, meu amor"

24. Quais foram os personagens que mais lhe agradaram na obra? Justifique \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

25. Quais foram os personagens que você menos gostou? Justifique \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

26. Cite três momentos que você amou da obra. Justifique \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

27. Cite três momentos que não gostou. Justifique \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

28. O final do livro foi satisfatório? Há algo que mudaria? \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

29. Qual o melhor personagem criado pela autora na obra, e qual o pior? Justifique para ambos. \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

[https://docs.google.com/forms/d/1p0MknF7XJL8L1U8t8p4U7AC0uJf\\_73-4Aqdt8E2mU8kwd79w56d54cd](https://docs.google.com/forms/d/1p0MknF7XJL8L1U8t8p4U7AC0uJf_73-4Aqdt8E2mU8kwd79w56d54cd) 5/7

03/12/2019 Questionário de Pesquisa sobre a obra "Whitney, meu amor"

30. Alguma atitude ou posicionamento de um dos personagens lhe desagradou em algum momento do livro? Justifique. \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

31. Caso tenha lido as duas versões - 1989 e 2018 - do livro, qual a sua preferida? Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

32. Você percebe semelhanças da escrita da autora com outras que já teve contato? Se sim, quais? \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

33. Quais os elementos do livro usados pela autora que você mais gostou? \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

34. Você costuma indicar a leitura de "Whitney, meu amor" para outras pessoas? \*  
Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

35. Em caso de resposta afirmativa para a questão anterior, por quais motivos o recomenda?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

36. Você já participou de discussões soltradas com outras leitoras por conta deste livro? \*  
Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Outro: \_\_\_\_\_

[https://docs.google.com/forms/d/1p0MknF7XJL8L1U8t8p4U7AC0uJf\\_73-4Aqdt8E2mU8kwd79w56d54cd](https://docs.google.com/forms/d/1p0MknF7XJL8L1U8t8p4U7AC0uJf_73-4Aqdt8E2mU8kwd79w56d54cd) 6/7

03/12/2019 Questionário de Pesquisa sobre a obra "Whitney, meu amor"

37. Nos conta sobre sua experiência nestas discussões. \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

38. Quais questões são levantadas no livro que fizeram você repensar atitudes e/ou posicionamentos? \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

39. Em sua opinião por que "Whitney, meu amor" merece ser lido? \*

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Powered by Google Forms

[https://docs.google.com/forms/d/1p0MknF7XJL8L1U8t8p4U7AC0uJf\\_73-4Aqdt8E2mU8kwd79w56d54cd](https://docs.google.com/forms/d/1p0MknF7XJL8L1U8t8p4U7AC0uJf_73-4Aqdt8E2mU8kwd79w56d54cd) 7/7

**APÊNDICE B – NOMES DAS LEITORAS<sup>20</sup>**

- 1. Maria**
- 2. Vanessa**
- 3. Júlia**
- 4. Brisa**
- 5. Carol**
- 6. Eliane**
- 7. Nairobi**
- 8. Melissa**
- 9. Angélica**
- 10. Liliam**
- 11. Rafaela**
- 12. Larissa**
- 13. Marisa**
- 14. Jurema**
- 15. Raquel**
- 16. Edinaira**
- 17. Luíza**
- 18. Marcela**
- 19. Rosário**
- 20. Bianca**
- 21. Luzia**
- 22. Ana**
- 23. Beatriz**

---

<sup>20</sup> Nomes fictícios dado às leitoras.